

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**REACÇÕES PARENTAIS À REVELAÇÃO DA ORIENTAÇÃO HOMOSSEXUAL
DE UM(A) FILHO(A)**

Ana Mafalda Pereira Ribeiro

Nº 11348

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**REACÇÕES PARENTAIS À REVELAÇÃO DA ORIENTAÇÃO HOMOSSEXUAL
DE UM(A) FILHO(A)**

Ana Mafalda Pereira Ribeiro

Dissertação orientada pela Prof^a Doutora Teresa Botelho

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutora Teresa Botelho, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade em Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

À Professora Teresa Botelho pela excelente orientação, interesse, disponibilidade e compreensão demonstrada no decorrer de todo o trabalho e deste “longo” ano.

Ao Professor Luís Graça pela grande ajuda, disponibilidade e pelos conhecimentos que me transmitiu.

À Associação Rede Ex-Aequo, pessoalmente ao Marco Lourenço pelo grande empenho na colaboração da recolha da amostra.

Às Associações ILGA-PORTUGAL, Panteras Rosa e Glbtex, seus dirigentes e membros pela disponibilidade e importante contribuição para este estudo.

A todos os que participaram no preenchimento dos questionários, tornando possível a realização deste estudo.

À minha grande amiga Ana Neiva pelo apoio, compreensão, partilha e cumplicidade.

À Cindy, Rita, Ana e ao Gil pela amizade e força que sempre me transmitiram.

Aos meus pais por serem a prova de que o Amor incondicional existe.

Ao meu Artur por Tudo, e essencialmente pelo seu Amor.

RESUMO

Este trabalho procura investigar as reacções parentais face à revelação da Orientação Homossexual de um(a) filho(a), analisando as percepções do ponto de vista dos filhos. Participaram neste estudo 70 indivíduos cuja sexualidade é homo ou bissexualmente orientada, e com a condição de a terem revelado a um ou a ambos os pais. Pretendeu-se saber através das percepções dos filhos se existiam diferenças significativas de acordo com o género nas reacções parentais após a revelação da sua orientação sexual. Para tal, delineou-se uma investigação numa perspectiva comparativa em que foi utilizado o Questionário PPRS (Perceived Parental Reactions Scale) de Lindahl, Malik & Willoughby (2006). Da investigação concluiu-se a existência da percepção de reacções mais negativas por parte das mães, do que dos pais, apesar destes também exibirem reacções negativas, mas em menor escala.

Palavras-chave: Reacções parentais, Homossexualidade, Revelação da orientação sexual.

ABSTRACT

The main objective of this study is to investigate the parental reactions associated to their child's sexual orientation disclosure, analyzing the perceptions of the child's point of view. Seventy homosexual or bisexual subjects participated in this study, who had revealed his/her sexual orientation to one or both parents. Through the child's perceptions, we wanted to know if there were significant differences related to the gender in the parental reactions after the sexual orientation disclosure. For this, we developed a comparative investigation using the Questionnaire PPRS (Perceived Parental Reactions Scale) of Lindahl, Malik & Willoughby (2006). From this investigation we concluded the existence of more negative reactions perceived from the mothers than from the fathers, although they revealed negative reactions too, but in a smaller scale.

Keywords: Parental reactions, Homosexuality, Sexual orientation disclosure.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	1
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
1. A Identidade e O Género.....	3
2. Questões da Identidade Homossexual.....	5
3. O nascimento de uma nova minoria: Quais as Implicações?.....	15
4. O Processo de revelação aos pais.....	19
III. MÉTODO	
1. Participantes.....	25
2. Material.....	28
2.1 Questionário de Caracterização da Amostra.....	28
2.2 Questionário PPRS.....	29
3. Delineamento.....	30
3.1 Tipo de Estudo.....	30
3.2 Definição das variáveis.....	30
4. Procedimento.....	31
IV. RESULTADOS	33
1. Análise Descritiva de Variáveis Secundárias	33
2. Análise Descritiva das Variáveis Principais.....	40
V. DISCUSSÃO	42
VI. CONCLUSÕES.....	46
VII. REFERÊNCIAS	48

VIII. ANEXOS

ANEXO A – Questionário de Caracterização da Amostra.....	51
ANEXO B – PPRS (Versão Original).....	57
ANEXO C - PPRS (Versão Traduzida).....	61
ANEXO D – Outputs Estatísticos.....	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição conforme a Orientação Sexual.....	25
Quadro 2: Distribuição conforma a Idade.....	25
Quadro 3: Distribuição conforme o Estado Civil.....	26
Quadro 4: Distribuição conforme as Habilitações Literárias.....	26
Quadro 5: Distribuição conforme a Área Profissional.....	27
Quadro 6: Distribuição conforme a Co-Habitação.....	27
Quadro 7: Distribuição conforme a Idade que tomou consciência da orientação sexual.....	33
Quadro 8: Distribuição conforme a revelação da orientação sexual aos pais.....	34
Quadro 9: Distribuição conforme a 1ª revelação aos pais quando revelou a ambos...34	
Quadro 10: Distribuição conforme o tempo que passou desde a revelação.....	34
Quadro 11: Distribuição conforme a Idade com que fez a revelação aos pais.....	35
Quadro 12: Distribuição conforme o período de tempo que demorou a revelar a orientação sexual aos pais.....	35
Quadro 13: Distribuição conforme o meio utilizado para a revelação aos pais.....	36
Quadro 14: Distribuição conforme a liderança no processo de revelação.....	36
Quadro 15: Distribuição conforme a revelação a outros familiares.....	37
Quadro 16: Distribuição conforme a 1.ª pessoa a quem revelou a orientação sexual...38	
Quadro 17: Distribuição conforme a reacção dos pais após a revelação.....	38

Quadro 18: Distribuição conforme a mudança relacional com os pais após a revelação.....	39
Quadro 19: Distribuição conforme a vivência psicológica durante a revelação aos pais.....	39
Quadro 20: Perfil Total do PPRS do grupo de mães participantes.....	40
Quadro 21: Perfil Total do PPRS do grupo de pais participantes.....	41

1. Introdução

A dinâmica das sociedades e culturas contemporâneas reflectem a difusão evidente e progressiva do conceito de Homossexualidade a vários níveis. A análise temporal e social evidencia a existência de vários registos sobre a prática da actividade homossexual nas sociedades ditas antigas como a Grécia, Roma, Europa medieval, China e Japão, contudo a forma como a homossexualidade se expressou nestas sociedades encontra um significado bem diferente na actualidade.

Na abordagem a este tema assume-se importante evidenciar a necessária e clara distinção entre “comportamento homossexual” – praticar sexo com alguém do mesmo sexo, e “identidade homossexual” – ver-se a si próprio como um indivíduo homossexual (Pereira, 2005).

Contudo, a questão nem sempre é evidente à partida, pois algumas pessoas podem exhibir comportamentos homossexuais e não se identificarem como detentores de uma identidade homossexual, essencialmente se estes comportamentos se revelarem esporádicos e não reflectores de um desejo íntimo do indivíduo.

Segundo Castañeda (1999, cit. Pereira, 2005), a identidade homossexual constitui-se de acordo com determinados comportamentos, desejos e sentimentos que se reflectem num processo de auto-definição perante o indivíduo. O reconhecimento da homossexualidade evidencia-se como um processo alvo de variabilidade consoante os indivíduos, uma vez enquanto muitas pessoas podem desde cedo reconhecer a sua identidade através das primeiras experiências sexuais, outras demorarão anos até terem certeza da mesma.

Um estudo desenvolvido por Rodriguez (1998) revela que as primeiras associações que desenvolvem num indivíduo o sentimento de “diferença” perante os outros podem ser atribuídas a memórias relativas à pré-adolescência e encontrar o seu desenvolvimento até à idade adulta.

Aliado ao processo de auto-reconhecimento surge o fenómeno conhecido como *coming out* que se apresenta como uma componente essencial no processo de desenvolvimento da identidade sexual e que pressupõe no indivíduo transformações ao nível intra e interpessoal (Davies, 1996, cit. Pereira, 2005). Deste modo, estamos perante um processo complexo, pois se para alguns homossexuais o assumir da sua orientação apenas ocorre numa dimensão de carácter privado, para outros assume uma componente pública perante a sociedade.

No que se refere à dimensão familiar, há que considerar que a homossexualidade nalguns casos poderá ser percebida como uma disrupção

das normas e valores infligidos pela sociedade global e deste modo a aceitação dos membros com esta orientação sexual poderá gerar reacções que reprovam a sua aceitação, contudo evidenciam-se famílias capazes de desenvolver mecanismos de adaptação e reorganização que potenciam a inclusão dos seus familiares homossexuais.

Deste modo, delineou-se uma investigação que na primeira parte reflecte uma fundamentação teórica de acordo com o tema proposto, iniciando-se pela definição de conceitos base que permitem um enquadramento lógico, tais como: a formação da identidade, definição de identidade de género, bem como da orientação sexual, identidade homossexual e o seu processo de formação.

Numa fase posterior aborda-se o aparecimento da minoria homossexual, e alguns pontos teóricos que permitem uma compreensão mais alargada, tais como: os factores indutores de stress e vitimização como um estigma a gerir e uma dimensão de contraste que permite enquadrar as diferenças sentidas em meio rural e urbano.

A parte que finaliza a revisão da literatura debruça-se sobre a especificidade do tema em questão, o processo de revelação aos pais.

Na segunda parte deste trabalho, introduz-se a forma metodológica referenciada através do tipo de investigação utilizada, materiais e procedimentos que permitiram o desenvolvimento do trabalho.

A terceira e última parte constitui-se através da apresentação e análise dos resultados obtidos, de acordo com uma exposição que permite a discussão dos mesmos enquadrados segundo os referenciais teóricos. Posteriormente, delineou-se a fase final que confere a tonalidade conclusiva ao trabalho.

2. Enquadramento Teórico

2.1 A Identidade e O Género

A definição da identidade tem-se revelado uma questão bastante controversa nos vários ramos da psicologia, o que também inclui o campo psicanalítico.

Erik Erikson (1956) destacou-se como sendo o primeiro psicanalista a aprofundar mais seriamente o fenómeno da formação da identidade. O seu trabalho pretendeu seguir a base teórica proposta por Freud quanto ao desenvolvimento da personalidade, porém encontram-se divergências em pontos importantes das duas teorias. Erikson fundamentou-se nos conceitos de energia libidinal e do *id* da psicanálise clássica, adaptando no entanto estas ideias às capacidades de adaptação do ego ao meio.

Erikson (1956) apresenta a definição de identidade de um modo psicossocial em que um todo constituído pela construção biológica, a organização pessoal da experiência e o meio cultural envolvente atribuem significado e continuidade à existência do indivíduo. Este é situado num contexto social, onde o seu desenvolvimento emerge da interacção com as figuras parentais, a família, as instituições sociais e o meio cultural.

O autor defende que o processo de desenvolvimento da identidade tem início através do primeiro encontro com a mãe, emergindo o sentido do Eu através de uma relação segura e adaptada a um contexto de confiança, em que a criança se conhece como distinta das figuras significativas. É a partir da introjecção e identificação a essas figuras que surgem as primeiras formas de estruturação do Eu.

Só mais tarde e quando o adolescente demonstra a capacidade de selecção e sintetização dessas identificações se inicia o processo de formação da identidade (Erikson, 1956, cit. Costa, 1991).

Para outros autores, como Grinberg & Grinberg (1998) este sentimento torna-se um produto resultante da interacção de três vínculos distintos de integração: espacial, temporal e grupal. O vínculo espacial integra a relação entre as diferentes partes do *Self* entre si, conferindo a sua coesão e a possibilidade de comparação com os objectos; o segundo refere-se às representações do *Self* temporal, permitindo uma continuidade estabelecida entre elas e a base do sentimento de unicidade. Por último, o vínculo grupal, aborda a conotação social da identidade e revela-se como produto resultante da relação entre os aspectos do *Self* e os aspectos relativos aos objectos, perante mecanismos de identificação projectiva e introjectiva (Grinberg & Grinberg, 1998, cit. Pereira, 2005).

No âmbito do conceito de identidade e abordando a sua dimensão sexual, há que considerar o contributo de várias perspectivas teóricas, contudo e na continuidade do enquadramento psicanalítico, as primeiras referências aos processos de construção de Identidade Sexual surgiram da abordagem ao Complexo de Édipo e a sua resolução com a consequente identificação com o progenitor do mesmo sexo.

Esta abordagem referencia que durante o desenvolvimento psicosexual, desencadeia-se na criança um desejo sexual dirigido à figura parental de sexo oposto e, este sentimento, repercute-se na renúncia face ao receio de castração e à possibilidade de perda do objecto amado. Neste sentido e, para findar a rivalidade atribuída ao progenitor do mesmo sexo, a criança acaba por processar a sua identificação com ele.

Um outro autor, Stoller (1993) defende que a construção da Identidade Sexual engloba um conjunto de convicções que se inicia com o fundamento biológico mas que também se constrói através das atitudes parentais, especialmente durante a infância, e das atitudes emergentes da sociedade que são transmitidas e filtradas pelas personalidades dos pais.

Neste sentido, o autor descreve que o processo de construção da identidade sexual resulta de aspectos fundamentais tais como: a aquisição de factores biológicos originários na vida fetal e emergentes da organização neuro-fisiológica do cérebro; a atribuição do sexo no nascimento, de acordo com os genitais externos; o desenvolvimento do Ego corporal relativo à quantidade e qualidade de sensações, principalmente nos órgãos genitais, que interpelam a definição das dimensões psíquicas do sexo do bebé.

Para além disso, é igualmente fundamental neste processo a interacção obtida com os pais, nomeadamente a influência das atitudes parentais sobre o bebé e a consequente interpretação das suas percepções face a estas atitudes; a capacidade de separação da figura materna; a capacidade de resistência do bebé à “ansiedade simbiótica” e o desempenho da função atribuída à figura paterna, nomeadamente de apoio, alteração de comportamentos e modelo de identificação para os rapazes e de objecto de amor para as raparigas.

Esta teoria relativiza que a interacção com os pais e posteriormente com o mundo externo desempenha um papel essencial no processo de construção da identidade sexual (Stoller, 1993).

Segundo Green (1974), a Identidade de Género pode ser definida como “a convicção básica de um indivíduo como sendo homem ou mulher”, contudo há que considerar que esta crença nem sempre se assume inteiramente congruente com o

sexo biológico, como acontece em casos de indivíduos com perturbação da Identidade de Género.

Neste sentido, o sexo biológico assume-se como uma identificação de si e dos outros, enquanto a Identidade de Género refere-se à auto-identificação do indivíduo (Shively & DeCecco, 1977, 1993, cit. Pereira, 2005).

Este pressuposto vem referenciar que a identidade de género não é algo acrescentado à identidade, mas que a identidade de cada indivíduo é consolidada e imbuída de significado pelo género.

Neste processo de constituição da identidade de género interpela-se a definição face a um indivíduo diferente, uma mulher face a um homem e vice-versa. Entenda-se que a identidade de género é uma categorização de ordem social, que define os conteúdos do que é ser homem ou mulher, mas numa perspectiva que se relaciona com os atributos do ambiente cultural envolvente (Montecinos & Rebolledo, 1995).

Desta forma, o género ganha amplitude nas relações interpessoais e significado na cultura existente. Assiste-se então que a feminilidade e a masculinidade nas diferentes culturas se definem por valores desiguais, padrões diferenciados, comportamentos e papéis distintos atribuídos a cada género.

2.2 Questões da Identidade Homossexual

Quando se aborda a identidade sexual, revela-se essencial definir uma das suas componentes, a Orientação Sexual. Este conceito refere-se a uma atracção emocional ou afectiva, dirigida a indivíduos de um género particular e inclui três dimensões distintas: a homossexualidade, com atracção por indivíduos do mesmo sexo; a heterossexualidade, atracção por indivíduos do sexo oposto; e ainda a bissexualidade, em que a atracção se aplica aos dois géneros.

Segundo Savin-Williams, “a orientação sexual é a preponderância de sentimentos, pensamentos, fantasias e/ou comportamentos sexuais ou eróticos de um indivíduo que está presente desde uma idade muito precoce, talvez desde a concepção” (Savin-Williams, 1990, cit. Pereira, 2005, p.63).

Nas perspectivas mais antigas, a orientação sexual era definida segundo uma linha bipolar, o indivíduo expressava a sua orientação por oposição a outra. Neste sentido, a homossexualidade surgia como a categoria oposta à heterossexualidade, o produto resultante da inversão dos papéis sexuais sociais.

Numa abordagem contemporânea, assiste-se a uma necessidade de reconhecimento de mais dimensões que permitam perceber a orientação sexual, essencialmente por se revelar um processo dinâmico e que pode sofrer variações ao longo do ciclo de vida.

As perspectivas analisadas para a compreensão das origens da orientação homossexual, têm vindo a ser desenvolvidas ao longo dos tempos e encontram os seus registos nos diferentes ramos da Psicologia, contudo focalizando a abordagem psicanalítica, esta considerava que uma das causas possíveis seria a raiz de conflito das relações maternas ou paternas, que de alguma forma conduziria a uma identificação com o progenitor do mesmo sexo.

Um estudo desenvolvido por Bell et al. (1981) que determinou como objectivo analisar a história familiar e individual de uma amostra comparativa entre homossexuais e heterossexuais, revelou importantes conclusões para este contexto, tais como: na adolescência a orientação sexual já estará determinada, mesmo que ainda não tenham ocorrido contactos sexuais com outras pessoas, dado que foi encontrado tanto em rapazes como em raparigas; os homens e as mulheres homossexuais participantes relataram não ter existido carência de experiências heterossexuais, a principal diferença entre este grupo e o grupo de homens e mulheres heterossexuais deve-se ao facto das experiências se terem revelado menos satisfatórias no caso dos indivíduos homossexuais.

Por outro lado, os dados analisados neste estudo evidenciaram que as relações pobres estabelecidas com a figura paterna parecem assumir um papel mais significativo do que as relações pobres com a figura materna. Homens e mulheres homossexuais relataram na sua participação a existência de relações negativas com os pais (Bell et al., 1981, cit. Pereira, 2005).

Não é possível determinar à partida qual a especificidade da homossexualidade, como de igual modo não se conhece a origem da heterossexualidade ou da bissexualidade. Na análise deste tema foram levantadas três hipóteses explicativas, porém demonstraram visíveis limitações.

Uma das hipóteses atribui-se à carga dos factores genéticos, na medida em que se pensa que se existe uma orientação hormonal do comportamento, esta realiza-se no decorrer da vida embrionária e no momento em que as hormonas processam a sexualização do sistema nervoso a vários níveis (Badinter, 1992).

Döner (1976) realizou trabalhos laboratoriais com ratos expostos a uma falta temporária de androgénios no decorrer do período pré-natal da diferenciação cerebral, e registou que os animais exibiam enquanto adultos comportamentos

claramente femininos. Neste sentido, o autor concluiu que “uma androginização pré-natal insuficiente do sistema nervoso central leva a uma diferenciação parcialmente feminina do cérebro e, portanto à homossexualidade masculina. Um excesso de androgénios na mesma etapa do desenvolvimento, está na origem da homossexualidade feminina” (Döner, 1976, cit. Badinter, 1992).

Na verdade, conhece-se actualmente o facto de que a homossexualidade se encontra mais frequente em certas famílias e, que a probabilidade calculada de se ser homossexual quando se tem um irmão homossexual, revela-se 25% nos homens e 15% no caso das mulheres. No entanto, este não é um factor que permita atribuir a causalidade à questão genética, uma vez que se os pais educaram uma criança de tal forma que ela se tornara homossexual, existe a probabilidade de ocorrer o mesmo processo com outros filhos.

Outras investigações nesta área focalizaram o seu estudo com gémeos monozigóticos e dizigóticos, demonstrando interessantes conclusões que referem que se um indivíduo tiver um gémeo monozigótico homossexual, a probabilidade de ser homossexual é de 50 a 65%, enquanto que em relação aos dizigóticos a probabilidade apresenta-se menor, de 20 a 30% (Whitman & Bailey, 1993, cit. Albuquerque, 2003).

Uma outra perspectiva na atribuição de hipóteses explicativas à homossexualidade, encontra o seu fundamento no desenvolvimento psicosexual. Se na maioria dos casos os indivíduos apenas tomam consciência da sua orientação sexual durante a adolescência ou até mais tarde, também emergem na infância certos comportamentos que podem predizer até certo ponto qual a orientação sexual que a criança terá.

Trata-se do caso dos chamados “meninos efeminados” que exibem um comportamento exageradamente feminino desde uma idade precoce, a partir dos 2-3 anos. As poses, os gestos e a entoação da voz, demonstram claramente a existência de maneirismos femininos, denotando-se ainda a escolha preferencial dos brinquedos das meninas bem como a sua companhia e o evitamento dos jogos violentos dos rapazes.

Green (1987) acompanhou durante 15 anos, um grupo de rapazes efeminados e um outro grupo de rapazes ditos masculinos. O seu estudo demonstrou que apenas 5% destas crianças se tornaram em adultos heterossexuais, o que acontece predominantemente é o desenvolvimento de uma orientação homo ou bissexual (Green, 1987, cit. Badinter, 1992).

Nesta continuidade, quando se aborda e pretende estudar questões relacionadas com a homossexualidade, torna-se necessário definir o conceito e

clarificar algumas questões afectas a este tema. Há que considerar a distinção existente “entre um comportamento homossexual (praticar sexo com alguém do mesmo sexo) e uma identidade homossexual (ver-se a si próprio como homossexual)” (Pereira, 2005, p.102).

Esta questão nem sempre é evidente à partida, uma vez que algumas pessoas podem ter comportamentos homossexuais, mas esta actividade não implica que se identifiquem como detentores de uma identidade homossexual, sobretudo se a sua sexualidade ainda não se mostrou assumida ou se este tipo de comportamento é ocasional e não reflector de um desejo íntimo.

Contudo, é necessário distinguir comportamento de identidade homossexual para uma definição mais concisa da prevalência da homossexualidade na população.

Em algumas culturas nomeadamente latinas, o acto de penetração assume-se como importante, independentemente do sexo do indivíduo penetrado e, como tal, verifica-se com frequência que os homens que se revelam apenas como activos no acto sexual, não se consideram como homossexuais. Transpondo esta questão para outras culturas, essencialmente anglo-saxónicas, verifica-se que o sexo biológico do indivíduo assume mais relevância do que o próprio acto. Neste sentido, e assumindo os comportamentos diferentes significados nas diversas culturas existentes, não se poderá generalizar que os comportamentos sexuais constituam por si só um elemento consistente para a definição da homossexualidade.

A identidade homossexual inclui uma consonância de comportamentos, desejos e sentimentos que conduzem o indivíduo a um processo de auto-definição como homossexual (Castañeda, 1999, cit. Pereira, 2005).

Este processo sofre variações de indivíduo para indivíduo, muitas pessoas podem desde cedo conhecer a sua identidade e reconhecê-la logo desde as primeiras experiências sexuais, ao contrário de outras que demorarão anos até terem a certeza desta identidade.

Um estudo desenvolvido por Rodriguez (1988) revela que o sentimento de “diferença” em relação aos outros, pode ser atribuído a memórias relativas à pré-adolescência e que se vai desenvolvendo até à idade adulta. Neste estudo realizado com homossexuais homens, os dados revelaram que as primeiras memórias e tomada de consciência face a atracções homossexuais ocorrem na pré-adolescência, por volta dos 11 anos; três anos mais tarde, com 14, são relatadas pelos indivíduos a emergência de fantasias eróticas homossexuais, sendo que o reconhecimento de sentimentos homossexuais ocorre dois anos mais tarde, por volta dos 16. Quanto às primeiras actividades sexuais com indivíduos do mesmo sexo,

estas são referenciadas por volta dos 17 anos e aos 23 surge a auto-identificação enquanto homossexual (Rodriguez, 1988, cit. Savin-Williams, 1994).

Ao analisarmos a diferença de género inerente, há que considerar que vários estudos dos anos 60, 70 e 80 referem que a emergência de atracções, fantasias, actividade sexual e identidade homossexual ocorrem de 1 a 4 anos mais tarde nas mulheres homossexuais do que nos homens.

A explicação que se levanta para este desenvolvimento diferenciado, atribui o seu fundamento à reduzida importância que os aspectos eróticos assumem para a sexualidade feminina, seja por razões biológicas ou culturais e, ainda relaciona o facto das mulheres poderem negar mais espontaneamente a sua vida homoerótica, uma vez que é mais fácil para elas serem masculinas e expressarem as suas atracções e sentimentos homossexuais fora do contexto sexual (Ponse, 1980, cit. Savin-Williams, 1994).

O Relatório Kinsey realizado por Alfred Kinsey (1948; 1953) nos EUA, abriu caminho para um melhor entendimento da homossexualidade e demonstrou que 37% dos homens e 13% das mulheres experienciaram enquanto adultos, ejaculação ou orgasmo com uma pessoa do mesmo sexo. No entanto, sendo a amostra constituída aproximadamente por vinte mil pessoas, apenas cerca de 10% dos homens e das mulheres assumiram ser exclusivamente homossexuais.

Em Portugal ainda não se revelaram muitos estudos que abordam a proporção de comportamento homossexual, contudo um estudo de Lucas (1993) demonstra que 0,8% dos homens admitiram ter relações sexuais com outros homens (0,6% para os casados e 1,2% para os não casados). No se refere às mulheres apenas 0,4% assumiu ter relações sexuais com outras mulheres (0,2% para as casadas e 1,3% para as não casadas) (Lucas, 1993, cit. Pereira, 2005).

Estes estudos desenvolvidos por Kinsey e outros investigadores vêm demonstrar, com efeito, que existem tendências homo e heterossexuais na maioria dos seres humanos, variando as proporções e tendências mais nítidas de pessoa para pessoa contudo, perante os dados evidencia-se que o comportamento homossexual se reflecte a uma escala mundial, assumindo significados diferentes e adequados a cada cultura.

Neste sentido, um outro estudo realizado por Remafedi et al. (1992) pretendendo avaliar a percentagem demográfica relativa à orientação sexual em jovens estudantes americanos, revelou que uma pequena percentagem dos inquiridos definia-se como bissexual (0,9%) ou homossexual (0,4%). No entanto, 11% dos jovens referiam-se incertos quanto à sua orientação sexual, 26% destes com 12 anos e 9% com 18 anos de idade.

No decorrer deste estudo foram ainda questionados quanto à existência de atracções homossexuais e neste campo, a percentagem aumentou consideravelmente mostrando-se influenciável pelo avançar da idade, de 2% para jovens de 12 anos e 6% com 18 anos (Remafedi et al., 1992, cit. Savin-Williams, 1994).

Os dados reflectem o reconhecimento destes jovens face a atracções e fantasias homossexuais bem como a transparência da negação pessoal e social enquanto indivíduos homossexuais, um sentimento resultante da homofobia e heterossexismo que caracterizam a sociedade a que pertencem.

Um aspecto fundamental no desenvolvimento de um indivíduo atribui-se a um sentimento de pertença a uma rede social envolvente e constituída por relações interpessoais com os outros. Scarf (1987) argumenta que a existência de uma relação íntima ajuda o ser humano a aproximar-se de um contacto arcaico e extremamente significativo para os aspectos do desenvolvimento do self (Scarf, 1987, cit. Savin-Williams, 1994).

A necessidade de proximidade adaptada a um contexto de confiança, demonstra ser uma réplica do laço emocional intenso transmitido pela primeira figura de vinculação na infância. Neste sentido, os primeiros laços afectivos irão influenciar o desenvolvimento de amizades durante a adolescência, bem como as relações amorosas dos indivíduos enquanto adultos.

No decorrer da adolescência, grande parte dos jovens homossexuais vêm-se privados da oportunidade de estabelecerem uma ligação íntima, devido à impossibilidade de se relacionarem emocionalmente com as pessoas pelas quais se sentem mais atraídos. Esta privação social irá reflectir-se no envolvimento íntimo que desencadeia a evolução da maturidade e a auto-estima, no domínio das relações objectais (Malyon, 1981, cit. Savin-Williams, 1994).

O resultado deste sentimento de privação emocional conduz em muitos casos, ao estabelecimento de relações heterossexuais, que para além de constituírem uma forma de estatuto social assumem também o ocultar de uma identidade homossexual que possa emergir, passando pela negação de sentimentos e desejos homossexuais, uma insistência social e internalização das normas e comportamentos heterossexistas, bem como a redução das pressões internas que confrontam o indivíduo com a autenticidade e honestidade perante si próprio e os outros.

Este processo de procura de experiências heterossexuais é mais presente nos homens homossexuais do que nas mulheres, uma vez que estas exibem inicialmente reacções mais positivas face à sua orientação sexual, contudo quando

envolvidas em relações heterossexuais, o sentimento emergente é assumido como o resultado da pressão cultural e da coerção exercida pelos homens (Savin-Williams, 1994).

Noutros casos, os jovens dirigem a sua orientação sexual e as suas necessidades íntimas no sentido da prostituição, que para além da procura de dinheiro, sexo, sentido de aventura e socialização, poderá constituir uma tentativa para satisfazer a necessidade de afecto (Coleman, 1989, cit. Savin-Williams, 1994).

O fenómeno conhecido como “*coming out*” (of the closet), é apresentado como uma componente essencial no processo de desenvolvimento da identidade sexual, envolvendo “transformações intra e interpessoais, que começam muitas vezes na adolescência e que se estendem à idade adulta, levando ao reconhecimento da orientação sexual de alguém” (Davies, 1996, cit. Pereira, 2005, p.109).

Neste sentido, constitui-se um processo complexo e variável entre indivíduos, ou seja, enquanto que para alguns homossexuais assumir-se como tal implica uma componente pública perante a sociedade, para outros, este processo apenas ocorrerá numa dimensão privada.

Para um entendimento mais aprofundado deste processo surgiram alguns modelos explicativos, como por exemplo, o Modelo de Woodman e Lenna (1980) que apresenta quatro etapas de desenvolvimento do *coming-out*, focalizadas no mundo intra-psíquico dos indivíduos.

A primeira fase, denominada Negação, caracteriza-se pela existência de comportamentos homossexuais, contudo o sujeito não assimila estes comportamentos ou sentimentos como uma identificação homossexual. Nesta fase, poderá assistir-se à evocação de mecanismos de defesa que possibilitam ao sujeito combater os comportamentos que não pode negar, mecanismos como a repressão, a racionalização e a projecção.

Numa fase posterior, designada Confusão de Identidade, o sujeito poderá suspeitar da sua homossexualidade, contudo a sensação de desconforto, potencia uma tonalidade de incompreensão e conflito face à sua orientação sexual. Frequentemente nesta fase, assiste-se à projecção de sentimentos de raiva e de homofobia internalizada.

Numa terceira fase denominada Negociação, o sentimento de pressão consequente de todas as implicações que o assumir da homossexualidade acarreta, poderá projectar no sujeito o desejo de mudança da realidade, o sentimento de

querer ser heterossexual ou bissexual. Esta proposta de mudança, poderá surgir por iniciativa do próprio ou por uma sugestão de alguém próximo.

A fase final apresentada designa-se Depressão ou Integração Saudável da Orientação Sexual e, veicula uma alternativa resultante do insucesso dos mecanismos de defesa. O sujeito projecta a raiva e o sentimento de culpabilidade em si mesmo, o que o conduz a um estado depressivo. Ao entrar nesta fase sem a existência de um suporte afectivo complementar, os níveis de vulnerabilidade poderão encontrar-se bastante ameaçados, sendo frequente a ocorrência de ideação suicida bem como o suicídio consumado.

Uma outra abordagem que pretende explorar o processo de *coming out*, é apresentada por Vivienne Cass, uma psicóloga australiana que formulou em 1979 um modelo compreensivo constituído por seis fases distintas de desenvolvimento, no qual o indivíduo sente a oportunidade de progressão até que a incongruência o impeça de continuar (Cass, 1979, cit. Degges-White, Myers & Rice, 2000).

A primeira fase descrita por Cass intitula-se Confusão da Identidade e é caracterizada por um início da tomada de consciencialização do indivíduo relativa à homossexualidade, atribuindo significado no que confere aos seus comportamentos, pensamentos ou sentimentos. Nesta fase, poderá assistir-se a uma perturbação pessoal e a um sentimento de diferença que reporta à alienação.

Com excepção dos casos em que ocorre uma privação da identidade homossexual, frequentemente os indivíduos transitam desta primeira fase de confusão para a segunda fase, que se designa Comparação de Identidade.

Esta fase revela-se imbuída por uma tentativa de resolução do Self face à sua homossexualidade, e se este processo for dirigido para a aceitação, o objectivo posterior a desenvolver será lidar com a alienação social resultante da percepção de diferença entre o indivíduo e os outros.

Há que salientar que durante esta fase se encontram diversas formas resolutivas para a alienação social; se alguns indivíduos respondem positivamente ao sentimento de diferença, o que conduz progressivamente à sua auto-aceitação, outros revelam este sentimento como indesejável e continuamente procuram alterar a percepção do seu comportamento face à homossexualidade. Poderá assistir-se a uma convicção por parte destes indivíduos de que se encontram perante uma identidade temporária ou uma atribuição de culpa a outra pessoa que mantém protegida a sua própria inocência.

Quando esta segunda fase se desenvolve de uma forma saudável, o indivíduo progride em direcção à terceira fase, a Tolerância da Identidade. Neste ponto, o indivíduo modifica o seu discurso de “Eu posso ser homossexual” para “Eu

provavelmente sou homossexual”. Nesta continuidade, poderá começar a investir na procura de contacto com outros homossexuais de forma a equilibrar o sentimento de alienação social.

Por outro lado se o indivíduo percepção a sua auto-imagem homossexual como desagradável, um contacto social positivo nesta fase poderá conduzi-lo a uma reavaliação desta percepção negativa, contudo se a experiência se revelar negativa poderá potenciar a negação do auto-conceito do indivíduo. Alguns factores como a timidez, a falta de habilidades sociais, a baixa auto-estima e a homofobia internalizada poderão contribuir para o insucesso destes contactos sociais (Cass, 1979, cit. Degges-White, Myers & Rice, 2000).

As experiências negativas poderão conduzir ao isolamento e retracção social, daí que a qualidade que os contactos sociais proporcionam aos indivíduos assumam um factor preponderante.

Novamente, desta fase advêm duas possíveis alternativas de resolução, uns aceitarão a necessidade de afirmação da sua sexualidade, enquanto outros apesar de perceberem a necessidade de contacto homossexual não exibem o desejo de uma identidade homossexual e, para tal racionalizam os seus comportamentos.

A quarta fase deste modelo intitulada Aceitação da Identidade descreve uma crescente socialização e um gradual reconhecimento positivo face a outros homossexuais, o que proporciona ao indivíduo um significado pelo menos equivalente ao do seu próprio ser.

Este movimento natural transporta o indivíduo para a quinta fase, denominada por Cass como Orgulho na Identidade. Nesta fase, a identidade homossexual é totalmente aceitável para o indivíduo, contudo o sentimento de rejeição por parte da sociedade pode conduzi-lo a perceber e dividir o mundo em dois pólos: o homossexual e o heterossexual.

Ao posicionar-se nesta fase, o sentimento de pertença ao grupo homossexual encontra-se bastante forte e correlacionado, o que pode induzir à participação activa na comunidade homossexual, apropriando-se dos recursos que estiverem ao seu alcance, livros, bares, discotecas, etc. .

Contudo, poderão igualmente emergir sentimentos de agressividade dirigida à sociedade heterossexual que discrimina e desvaloriza a comunidade homossexual. Logo, esta combinação de orgulho e raiva poderá culminar numa pulsão activista, que inevitavelmente acarreta consequências mais ou menos perigosas para os indivíduos.

Nesta fase, verifica-se ainda um aumento de revelações da orientação sexual do indivíduo perante pessoas significativas para este, e a forma como as respostas

são devolvidas criam um grande impacto no desenvolvimento posterior deste processo.

Na sexta e última fase, assiste-se à designada Síntese da Identidade. O indivíduo demonstra a sua capacidade de integração do Self homossexual em concordância com outros aspectos da sua identidade. Em vez de uma visão primeiramente gay ou lésbica, os indivíduos percebem a sexualidade como parte integrante da sua identidade global.

A visão bipolar do mundo homo e heterossexual, encontra-se neste ponto desprovida de sentido e como tal evidencia-se a intensificação de contactos com heterossexuais simpatizantes e apoiantes, o que proporciona a tomada de consciência das semelhanças entre os homo e os heterossexuais e, ainda as diferenças entre homossexuais (Cass, 1979, cit. Degges-White, Myers & Rice, 2000).

Alguns anos mais tarde, uma revisão ao modelo de Cass introduzida por Degges-White, Myers & Rice (2000), demonstra que esta abordagem se revela um pouco rígida e linear, evidenciando-se a sua não aplicabilidade ao desenvolvimento da identidade lésbica.

Estes autores desenvolveram um estudo com lésbicas, centrando-se essencialmente na terceira fase descrita por Cass, a Tolerância da Identidade, salientando que estas relatam não terem investido em contactos com outros homossexuais, até que a sua auto-aceitação se tivesse processado.

A divergência relativa ao modelo de Cass neste ponto, encontra provavelmente a sua origem pelo facto de se assistir a uma mudança cultural na sociedade actual, que oferece aos homossexuais a oportunidade de iniciarem o processo de aceitação da sua orientação sexual antes de procurarem os contactos sociais. A sociedade contemporânea dispõe de um vasto conjunto de recursos que potenciam este processo, o que inclui acesso a livros especializados, revistas, navegação na Internet, etc. (Degges-White, Myers & Rice, 2000).

O desenvolvimento de identidades homossexuais são normalmente associadas a um meio envolvente urbano, pelo facto deste contexto reunir condições que o permitem. Contudo, um estudo pretendeu explorar o impacto que a comunidade rural exerce sobre os homossexuais. É um facto que o meio rural se organiza em volta de uma rede pessoal que apela ao conformismo social, ao aspecto conservador e religioso e à privacidade superficial, características que reflectem e favorecem de algum modo a heterossexualidade (Oswald, 2002).

Nestes meios pequenos e normalmente dominados por fundamentalismos religiosos, o facto dos indivíduos homossexuais preservarem em segredo a sua

orientação sexual demonstra diferenciação, maturidade e adequação dos indivíduos a um genuíno contexto hostil (Green, 2000).

Este contexto acaba por se desenvolver num sistema circular e como tal, o medo do estigma por parte das pessoas consideradas “diferentes” deste padrão social, reflecte-se numa migração urbana de muitos homossexuais.

No entanto, este processo migratório não os impede de continuarem a manter laços familiares e da mesma forma, não implica uma separação afectiva do meio rural.

A alteração do meio envolvente pode induzir algumas mudanças pessoais, ou seja, a organização vivencial passa de um registo rural para urbano, de um meio familiar para não familiar, o que se reflecte numa reorganização significativa na relação com os outros, permanecendo contudo a coerência relativa aos seus auto-conceitos.

2.3 Uma nova minoria: Quais as Implicações?

No final dos anos 60 nos EUA, um grupo de homossexuais determinados a desocultar e a acabar com a clandestinidade dolorosa, procederam à mudança do conceito “homossexual” imbuído de uma conotação médica e patológica, para o termo “gay”, uma preferência que se revelou mais neutra e que pretendia referir-se a uma cultura específica e positiva. Neste contexto, surgiu o movimento Gay, fundado com o objectivo de mostrar que a heterossexualidade não é a única forma de sexualidade normal (Badinter, 1992).

No espaço decorrido entre 1970 e 1980, assistiu-se nos EUA bem como noutras partes do mundo, ao desenvolvimento de uma nova minoria detentora da sua própria cultura, estilo de vida e expressão política, assumindo assim uma visibilidade que reflectiu impacto sobre a sociedade global. Porém, o reconhecimento do estatuto de minoria infligiu aos homossexuais ganhos e perdas. Por um lado, o desenvolvimento do sentimento de auto-confiança e aceitação, mas por outro a centralização na ideia de minoria tornou difícil ver a homossexualidade, de forma explícita ou recalcada, como um aspecto da sexualidade de todos e de cada um (Altman, 1982, cit. Badinter, 1992).

Se por um lado se assistiu a uma mudança na comunidade homossexual, a evolução da sociedade heterossexual não se processou da mesma forma, na medida em que se conservaram muitos dos preconceitos e ideias de conotação negativa.

A visão sobre as culturas contemporâneas e ditas industrializadas, transparece uma população homossexual exposta a diversos factores indutores de stress e a várias situações de discriminação face à sua orientação sexual. Nalguns estados dos EUA bem como noutros países, existem leis contra a própria existência de homossexuais.

O facto desta população se constituir como uma minoria, acarreta por si só factores de stress associados, contudo se para além deste estigma a população gay e lésbica se encontrar associada a uma minoria étnica, poderá dizer-se que estes indivíduos sentem um acrescido estigma vivencial.

Assim e considerando um vasto número de elementos potenciadores de stress e discriminação, surgem os factores externos que submetem a população homossexual a abusos físicos e verbais, ao vandalismo e discriminação nas diversas fases da sua vida.

No contexto da população homossexual denotam-se abusos praticados de forma diferente contra gays e lésbicas, por exemplo, os gays normalmente são mais agredidos verbalmente por não familiares; registam-se mais casos de agressão física em gays do que em lésbicas, sendo que esta agressão é praticada frequentemente nas escolas e pela acção de agentes policiais. No caso das lésbicas, os abusos são normalmente verbais e transmitidos pelos familiares, sendo estas alvo de maior discriminação social e ocupacional do que os gays (Gadpaille, 2000).

Os praticantes de abusos físicos são caracterizados na sua generalidade como adolescentes ou jovens adultos, caucasianos e associados em grupos.

Neste sentido, vários estudos demonstram o consenso revelado que os homens heterossexuais são mais discriminatórios do que as mulheres heterossexuais e, ainda, que os heterossexuais na generalidade discriminam mais homossexuais do mesmo sexo que eles.

Há ainda a considerar que os abusos físicos e verbais, insurgidos contra indivíduos homossexuais vão reflectir-se em posteriores sintomas de stress pós-traumático e outras consequências negativas, dirigidas à sua saúde mental, muitas vezes exacerbadas pelo heterossexismo social.

Este facto intensifica a sua angústia vivencial, uma vez que os homossexuais, consciente ou inconscientemente, se sentem inferiores e quando são alvo de abusos e discriminação, colocam-se nesta situação como sendo merecedores de tal. No entanto, estes pensamentos depreciativos, são frequentemente modificados e reparados quando a pessoa se relaciona com outros homossexuais que aprenderam com a sua experiência vivencial a auto-valorizar-se, ou através do desenvolvimento de um processo terapêutico (Gadpaille, 2000).

Vários estudos nesta área demonstram que a consolidação de uma identidade homossexual positiva, se encontra significativamente relacionada com a saúde mental dos indivíduos, considerando a associação existente entre a formação da identidade homossexual e os sentimentos de auto-valorização, bem-estar e ajustamento psicológico (Carlson & Steuer, 1985; Hammersmith & Weinberg, 1973; Helminiak, 1989; Savin-Williams, 1990, cit. Elizur & Ziv, 2001).

Abordando esta questão à luz do contexto social, a população homossexual regista alguns problemas na garantia de um bom tratamento na área da saúde, isto porque a maioria dos profissionais de saúde normalmente não aborda na história clínica destes pacientes a sua orientação sexual, o que posteriormente implica falhas na detecção de algumas doenças específicas a pacientes homossexuais. Existe ainda o falso mito por parte dos profissionais, de que as lésbicas são imunes à infecção do vírus HIV e a outras doenças sexualmente transmissíveis bem como, a alguns tipos de cancro (Gadpaille, 2000).

Ao abordamos a história pessoal, evidencia-se que os homossexuais na sua grande maioria nasceram e cresceram no seio de famílias heterossexuais. Como tal as expectativas parentais e sociais incidem sobre padrões heterossexuais, sobre a ideia que os pais formam e a sociedade espera que estes indivíduos estabeleçam relações com pessoas do sexo oposto.

Acontece que em determinada fase vivencial estas pessoas se sentem como que descontextualizadas e de alguma forma diferentes, o que para muitos homossexuais ocorre na infância e na adolescência e por vezes antes até de associarem este sentimento com a sua preferência sexual, especialmente no caso dos rapazes. Para além deste sentimento de diferença, associam-se as reacções parentais que normalmente demonstram ser bastante críticas aos supostos sinais de homossexualidade. (Gadpaille, 2000).

Os dados obtidos através de um estudo comparativo entre homossexuais homens pertencentes a ambientes adultos discriminatórios e não discriminatórios, evidenciaram que os indivíduos homossexuais pertencentes a este último grupo, revelaram no futuro menos problemas psicossociais do que os pertencentes a ambientes adultos discriminatórios.

Há que considerar que quando uma pessoa cresce e desenvolve uma identidade no seio de uma família e uma sociedade heterossexual que desaprova a homossexualidade, vai moldando as suas atitudes que vão de encontro ao contexto em que se encontra inserido e, como tal, muitas vezes gera em si mesma o sentimento de negatividade dirigida à homossexualidade sem que, no entanto, ela

própria ainda se tenha apercebido de que este sentimento se aplica à sua orientação sexual.

Na verdade, muitas vezes acontece que os homossexuais são capazes de reconhecer sentimentos de atracção relativos a pessoa do seu próprio sexo, contudo é iniciado um processo de auto-rotulação em que as suas emoções e comportamentos não assumem uma posição e, iniciado este processo, as mensagens negativas face à homossexualidade revertem-se em efeitos de dano psicológico para a pessoa.

A introjecção destes valores negativos desenvolvem no indivíduo homossexual o sentimento de homofobia internalizada que é definida por Ilan Meyer e Laura Dean (1998) como “o direccionamento das atitudes sociais negativas para o self da pessoa gay, levando à desvalorização desse self e resultantes conflitos internos e uma auto-imagem empobrecida” (Meyer & Dean, 1998, cit. Leal & Pereira, 2004, p. 246).

A homofobia internalizada manifesta-se de uma forma mais comum, como o sentimento de vergonha face à possibilidade de ser reconhecido como homossexual, resultante das possíveis situações internas e externas potencialmente ameaçadoras que colocam o indivíduo num confronto interno. Daí advém que o seu bem-estar psicológico será determinado através da forma como ele as gere (Mondimore, 1998, cit. Leal & Pereira, 2004).

Dentro das manifestações associadas à homofobia internalizada evidencia-se também o desconforto sentido na presença de homossexuais mais explícitos; a rejeição por todos os heterossexuais, o que se define como heterofobia; os sentimentos de superioridade ou inferioridade face aos heterossexuais; a delimitação das atracções emocionais a pessoas não disponíveis e o estabelecimento de relações íntimas curtas e breves.

Estamos perante uma situação de negação que pode levar o indivíduo homossexual à alienação emocional, bem como a exhibir reacções de auto-negligência que nalguns casos culminam na perda de identidade (Davies, 1996, cit. Pereira, 2001).

De uma forma generalizada, a população homossexual vê incluída na sua vida social os vários factores potenciadores de stress mencionados, o que se traduz numa grande incidência de problemas e distúrbios comportamentais e psicológicos, como a depressão, ansiedade, suicídio, baixa auto-estima, problemas sexuais, abuso de substâncias, o receio em procurar ajuda e o elevado risco de infecção do vírus HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis.

É na adolescência que a maioria dos homossexuais começa a descobrir e a perceber a sua orientação sexual. Esta fase da vida constitui por si só uma fase conturbada pelas características do desenvolvimento que lhe são inerentes, contudo e associada à identificação homossexual, acarreta riscos particulares como a depressão, o abuso de substâncias e o elevado risco de suicídio (Gadpaille, 2000).

2.4 O Processo de revelação aos pais

A homossexualidade revelada em contexto familiar reflecte um processo complexo de aceitação por parte dos seus membros ao ser encarada como uma disrupção das normas sociais e das leis atribuídas à procriação, contudo há que considerar que muitas famílias geram mecanismos de adaptação e reorganizam-se de modo a que as relações incluam no seu contexto estes membros.

Quando o processo de revelação da orientação sexual dos filhos é iniciado aos pais, estes provavelmente terão que progressivamente desconstruir os seus valores heterossexuais para potenciar uma relação adaptada com os seus filhos (Ben-Ari, 1995; Boxer et al., 1991; Hom, 1994; Strommen, 1989; Tremble, Schneider & Appathurai, 1989, cit. Oswald, 2002).

Este processo de revelação perante os pais é considerado pela população homossexual como um difícil desenvolvimento, essencialmente quando são adolescentes e jovens adultos. É uma acção que envolve grande ansiedade, revela um receio bastante comum face a possíveis respostas adversas e repercussões negativas por parte dos pais (Willoughby, Malik & Lindah, 2006).

A decisão de revelação aos pais despoleta nos indivíduos homossexuais a consciencialização de que o assumir da sua orientação sexual pode implicar a continuação ou o cessar das relações familiares, revelando-se este como um processo inteiramente voluntário por parte de pais e filhos (Green, 2000).

O processo de decisão da revelação aos pais é influenciado por diversos factores preponderantes que englobam: os níveis existentes de proximidade, abertura e conflito em cada relação; a quantidade e qualidade de contacto de cada díade pai-filho; a importância atribuída a cada figura parental em relação ao apoio social, identidade social e suporte económico; a disponibilidade de outras fontes de suporte social, identidade social e suporte económico, tais como: amigos, famílias de escolha, emprego; a avaliação e consciencialização do indivíduo em relação à dualidade ganhos/ perdas para o próprio, para a figura parental em questão e para a

relação deles, baseando-se para tal na percepção e antecipação das respostas esperadas pelos familiares (Green, 2000).

O autor defende desta forma que o impacto que a família de origem poderá exercer sobre o indivíduo não deve ser encarado de um modo linear, ou seja, este pode variar drasticamente de indivíduo para indivíduo, dependendo da relevância que as relações familiares assumem para ele.

Neste sentido, indivíduos homossexuais que têm mais contacto, maior proximidade emocional, maior abertura de comunicação e menos conflitos nas suas relações familiares, terão maior probabilidade em revelar a sua orientação sexual aos familiares.

Segundo Ryan (2001, cit. Savin-Williams & Ream, 2003) a revelação da orientação sexual aos pais, pode muitas vezes gerar uma crise familiar e conduzir os jovens homossexuais a enfrentar uma rejeição no seio familiar.

Uma família que se apresenta como calorosa, interligada e flexível provavelmente irá desenvolver respostas mais positivas a esta situação, do que uma família que se revele num pólo oposto, fria, com menor interligação relacional e atitudes rígidas (Willoughby, Malik & Lindah, 2006).

Alguns autores defendem um modelo teórico, em que consideram a família como um sistema que na sua constituição apresenta vários sub-sistemas interligados entre si e, como tal, as crenças, comportamentos e interações geradas em cada um reflecte um processo que influencia todos os outros (Crosbie-Burnett, Foster, Murray & Bowen, 1996, cit. Oswald, 2002).

Neste sentido, a revelação da orientação sexual de um dos membros constituintes deste sistema, pode afectar profundamente o modo relacional entre os diferentes elementos da família.

Por outro lado, há que considerar que a própria natureza da revelação irá influenciar as reacções parentais que daí advêm, pois os filhos ao dirigirem a informação sobre a sua orientação sexual de uma forma positiva (ex: "Sou gay e sou feliz"), proporcionam aos pais uma maior facilidade de adaptação, o que não sucede se o fizerem de uma forma mais negativa ou neutra. Nesta continuidade, sugere-se que o nível de conforto pessoal, que cada indivíduo confere à sua homossexualidade reflecte um efeito importante nas reacções parentais subsequentes (Ben-Ari, 1995, cit. Heatherington & Lavner, 2008).

Os autores Herdt & Koff (2000, cit. Cohler, 2002) apresentaram um modelo que caracteriza seis etapas de organização parental como resposta à revelação da homossexualidade dos seus filhos:

- 1) o aparecimento do sentimento de culpa e de vergonha aliados à decisão de transmitir esta nova informação a amigos e familiares;
- 2) o facto desta revelação poder interferir na proximidade relacional entre pais e filhos;
- 3) a capacidade de gerar empatia com o filho após a revelação e proporcionar-lhe uma identidade homossexual positiva;
- 4) o desenvolvimento do contacto parental com a comunidade homossexual, como é o exemplo dos grupos de Pais e Amigos de Gays e Lésbicas;
- 5) a inclusão no seio familiar do/a companheiro/a relacional do filho, bem como o alargamento da interacção com a sua respectiva família;
- 6) a capacidade parental de visionarem um futuro para o filho de acordo com a sua orientação homossexual.

Segundo a investigação apresentada por Caron e Ulin (1997, cit. Oswald, 2002) abordando a interacção entre casais de lésbicas e as suas famílias de origem, os resultados demonstraram que a qualidade relacional destes casais, se encontrava fortemente associada com a permissão por parte das famílias de uma liberdade de expressão afectiva em relação às suas companheiras.

As reacções favoráveis transmitidas por pessoas significativas nas suas vidas, conduzem ao desenvolvimento positivo das identidades e relacionamentos homossexuais. Quando as reacções de suporte familiar não são transmitidas aos indivíduos, as repercussões podem sentir-se através de experiências psicológicas adversas como a homofobia internalizada e a baixa auto-estima.

Neste processo de revelação da orientação sexual, as figuras parentais frequentemente assumem o último lugar, sendo que vários estudos revelam que normalmente a mãe acaba por ser preferencialmente escolhida em relação ao pai, exibindo respostas mais positivas de aceitação. Os filhos optam por revelar primeiramente à mãe, essencialmente porque estas os questionam, ou porque os filhos desejam partilhar com elas as suas vidas. No caso dos pais, estes acabam frequentemente por tomar conhecimento através de outra pessoa que não os seus filhos, ou pelos filhos quando estes sentem que é chegada a altura de lhes revelar.

A principal razão descrita pelos filhos para a não revelação da sua orientação sexual às mães surge pelo facto de sentirem que não é a altura de desenvolvimento apropriada para o fazerem; quanto aos pais o motivo relatado relaciona-se com o

sentimento de não estarem suficientemente relacionados e próximos afectivamente destes (Savin-Williams & Ream, 2003).

Há que considerar igualmente que os homossexuais homens, temem mais do que as mulheres, as possíveis reacções negativas provenientes dos seus pais. Contudo estudos indicam que apesar da figura parental masculina inicialmente reagir num processo de negação à orientação sexual do filho, estes por outro lado respondem com menos sentimentos de raiva e culpabilidade quando comparados com as mães (Ben-Ari, 1995, cit. Savin-Williams & Ream, 2003).

No que se refere às reacções parentais, alguns factores podem ser apontados como predictores das mesmas, tais como a educação, as atitudes relacionadas com os papéis sexuais, a religião e o autoritarismo (Willoughby, Malik & Lindah, 2006).

Nesta continuidade, há que salientar que quando a revelação é dirigida a um contexto familiar que enfatiza fortemente os valores tradicionais, esta acarreta à partida um acrescido grau de dificuldade e de stress para o indivíduo homossexual, pois estes sistemas familiares mais conservadores são normalmente detentores de menor capacidade de aceitação da orientação homossexual (Chan, 1989; Newman & Muzzonigno, 1993, cit. Elizur & Ziv, 2001).

As principais razões descritas pelos jovens homossexuais para a revelação da sua orientação sexual aos pais são: o desejo de partilha das suas vidas; o cessar de um sentimento de mentira e disfarce perante as figuras parentais; o potenciar de um aumento de liberdade nas suas vidas e, o incremento de cumplicidade na relação com os pais.

Por outro lado, as razões apontadas frequentemente para a não revelação prendem-se com o receio de rejeição; a possibilidade de gerarem culpabilidade nos pais; serem culpabilizado pelos mesmos e, ainda, o receio de que a relação parental sofra uma degradação (Savin-Williams & Ream, 2003).

Contudo e apesar de uma deterioração inicial sentida na relação entre pais e filhos após a revelação, evidencia-se que nas fases posteriores este sentimento atenua-se progressivamente, conferindo à relação uma tonalidade de honestidade e partilha.

Analisando a dimensão homossexual feminina e aplicando os dados recolhidos em vários estudos desenvolvidos na década de 90, revelou-se que 90% das participantes relataram que mesmo antes das suas revelações, as mães já haviam reconhecido ou exibido grande suspeita em relação à orientação sexual das suas filhas (D'Augelli, 1998; Savin-Williams, 1998, cit. Savin-Williams & Ream, 2005).

No caso das jovens homossexuais e em conformidade com o referido em relação aos jovens, estas revelam a sua orientação sexual em primeiro lugar às

mães do que aos pais, contudo e considerando independente o sexo da figura parental, escolhem fazê-lo de uma forma directa, frequentemente através de uma conversa sincera.

Nesta continuidade, há que salientar que no processo de revelação da orientação sexual demonstra ser mais determinante das reacções posteriores, o sexo dos filhos do que propriamente o sexo das figuras parentais. De tal forma, os pais por norma, demonstram mais dificuldade em aceitar a homossexualidade de uma filha do que de um filho, uma vez que as filhas são interpeladas como chave determinante para o desenrolar das gerações futuras e das tradições familiares (Savin-Williams, 1990, cit. Savin-Williams & Ream, 2005).

A revelação da orientação sexual de um filho pode ser vivida no seio de uma família como um evento stressante e, incorporado de acordo com a Teoria do Stress Familiar, na medida em que esta teoria sugere que perante um evento familiar stressante, uma família pode organizar-se e aprender a gerir esse mesmo evento, se o nível de recursos familiares for considerado superior ao referido evento (McKenry & Price, 2000, cit. Willoughby, Malik & Lindah, 2006).

Este pressuposto teórico evidencia que para tal situação vivencial ser gerida e ultrapassada, é necessário que recursos familiares como coesão familiar e adaptação à situação sejam evocados.

O conceito de coesão familiar refere-se a uma sequência generalizada no seio do sistema familiar e a uma rede de laços emocionais que cada membro possui em relação aos restantes. Quanto à adaptação, esta é uma habilidade familiar que se reflecte na capacidade à mudança quando confrontados com uma situação nova no contexto familiar (Olson, 1996; Olson & Gorall, 2003, cit. Willoughby, Malik & Lindah, 2006).

A aceitação e o suporte fornecido pelas famílias de origem assume um papel controverso e crucial ao mesmo tempo, uma vez que há que considerar cada situação como única, contudo várias investigações revelam que o apoio dos amigos e da comunidade homossexual, é referenciado pelos indivíduos como detentor de um papel mais significativo nas suas vidas. (Elizur & Ziv, 2001).

O autor Weston (1991, cit. Green, 2000) propõe o conceito “Famílias de Escolha” que expressa a centralização destas redes sociais que assumem a substituição das famílias biológicas. Os indivíduos homossexuais tomando consciência do carácter vulnerável das relações familiares, tornam-se psicologicamente mais disponíveis para alargar o conceito de família de modo a englobar as relações não-biológicas (Green, 2000).

O suporte social é frequentemente encontrado nas “famílias de escolha”, que engloba os companheiros actuais, amigos homo e heterossexuais, ex-companheiros, colegas de trabalho, etc.

O apoio fornecido pelos amigos, desempenha uma influência mais positiva do que o apoio fornecido pela família, no que se relaciona com o ajustamento psicológico e a saúde mental dos indivíduos homossexuais, bem como no bom funcionamento das relações dos casais homossexuais (Campbell, 2000; Kurdek, 1988; Kurdek & Schmitt, 1986, 1987; Roper, 1997, cit. Green, 2000).

Embora o tema referenciado se apresente alvo de elevado interesse, constatou-se a escassez de estudos realizados nesta área, principalmente em Portugal.

Adoptando como referencial a literatura desenvolvida no âmbito da homossexualidade e direccionando os seus efeitos através da dimensão da Psicologia da Parentalidade, a presente investigação pretendeu desenvolver-se focalizando o tema das “*Reacções Parentais à revelação da Orientação Homossexual de um(a) filho(a)*”.

Sendo a família percebida como um sistema que na sua constituição comporta vários sub-sistemas interligados entre si, torna-se possível analisar que as crenças, comportamentos e interacções geradas em cada um deles reflectem um processo que influencia todos os outros. Deste modo, a revelação da orientação sexual de um dos membros constituintes deste sistema, poderá afectar profundamente o modo relacional entre os diferentes elementos familiares.

Neste sentido, os mecanismos gerados pelos membros pressupõem que perante esta situação nova sejam evocados recursos adaptativos e de coesão.

No que diz respeito ao estudo específico das reacções parentais, torna-se necessário aprofundar a forma como estas se processam perante a revelação e o impacto que poderá reflectir modificações na relação e na proximidade entre pais e filhos. Deste modo e por se constituírem como figuras detentoras de um papel extremamente significativo no ciclo vivencial e de realização pessoal de um indivíduo, a análise das capacidades reaccionais e de aceitação justificam a realização e o desenvolvimento de estudos neste âmbito.

3. Método

3.1– Participantes

A amostra do presente estudo é constituída por 70 participantes, cuja sexualidade é homo ou bissexualmente orientada e com idades compreendidas entre os 16 e os 44 anos, $M = 24,23\%$.

Através da análise descritiva e de acordo com os dados relativos ao quadro 1, verificou-se que nesta amostra, e tendo em conta a sua orientação homo ou bissexual que 54% são homossexuais masculinos (gays), 27% homossexuais femininos (lésbicas) e 19% dos inquiridos possuem uma orientação bissexual.

Quadro 1: Distribuição conforme a Orientação Sexual (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
Gay	38	54,0
Lésbica	19	27,0
Bissexual	13	19,0
TOTAL	70	100,0

De acordo com a análise realizada através do quadro 2, os dados indicam a existência de uma maioria de participantes cujas idades variam entre os 16 e os 22 anos (47,1%), enquanto o valor mais baixo relativamente à idade verifica-se para os participantes com idade superior a 44 anos (1,4%).

Quadro 2: Distribuição conforme a Idade (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
16-22	33	47,1
23-29	25	35,7
30-36	8	11,4
37-43	3	4,3
>44	1	1,4
TOTAL	70	100,0

Na análise do estado civil da amostra podemos constatar em função do quadro 3, que a maioria dos participantes é solteiro (92%), e apenas uma pequena percentagem vive em união de facto (7%) e é divorciado (1%).

Quadro 3: Distribuição conforme o Estado Civil (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
Solteiro	64	92,0
União Facto	5	7,0
Divorciado	1	1,0
Casado	0	0,0
TOTAL	70	100,0

Através da análise do quadro 4, os dados indicam a predominância de participantes detentores do grau académico de licenciatura (45,7%), seguidos por 32,9% dos participantes com o 12º ano de escolaridade. Verificou-se ainda que apenas 3 dos participantes (4,3%) possuíam o grau de bacharelato.

Quadro 4: Distribuição conforme as Habilitações Literárias (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
9.º ano	6	8,6
12.º ano	23	32,9
Bacharelato	3	4,3
Licenciatura	32	45,7
Mestrado	6	8,6
TOTAL	70	100,0

Através da análise realizada e devido à diversidade de profissões encontradas, procedeu-se ao agrupamento das mesmas por áreas profissionais. Neste sentido, os dados relativos ao quadro 5 reflectem uma predominância de participantes que ainda são estudantes (47,1%), seguido de 15,7% dos participantes trabalhadores na área das Artes. Verificou-se ainda que apenas um participante é trabalhador na área da Engenharia e um outro trabalhador na área da Hotelaria.

Quadro 5: Distribuição conforme a Área Profissional (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
Artes	11	15,7
Ciências	1	1,4
Design	4	5,7
Economia	2	2,9
Engenharia	1	1,4
Ensino	4	5,7
Estudante	33	47,1
Hotelaria	1	1,4
Saúde	4	5,7
Serviços	7	10,0
Não Responde	2	2,9
TOTAL	70	100,0

De acordo com o quadro 6, verificou-se que quase metade dos participantes (47%) ainda co-habitam com os pais, seguido de 24% dos participantes que co-habitam com amigos/as (24%) e 13% com o (a) companheiro(a).

Quadro 6: Distribuição conforme a Co-Habitação (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
Sozinho	5	7,0
Pais	33	47,0
Companheiro(a)	9	13,0
Mãe	5	7,0
Amigos(as)	17	24,0
Filha	1	2,0
TOTAL	70	100,0

A amostra foi recolhida junto dos membros de 4 associações, da Associação ILGA Portugal (Internacional Lesbian and Gay Association) e frequentadores do Centro Comunitário Gay e Lésbico em Lisboa, da Associação Rede Ex-Aequo (Associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes), da Associação Panteras Rosa e da Associação Glbtex.

Estes participantes foram escolhidos pela sua orientação homo ou bissexual e ainda pela condição de terem revelado a sua orientação a um ou ambos os pais.

3.2 - Material

3.2.1 - Questionário de Caracterização da Amostra

O questionário de caracterização da amostra (Anexo A) apresenta-se como um material utilizado na recolha de informações pessoais dos participantes, o que possibilitou uma melhor caracterização da amostra obtida neste estudo.

Para a recolha de informações, foi tido em conta questões do tipo sócio-demográfico como a idade, a orientação sexual, o estado civil, as habilitações literárias, a profissão, a habitação e a co-habitação bem como o número de filhos.

Foram ainda elaboradas questões dirigidas à orientação sexual dos participantes que permitiram aprofundar dimensões mais pessoais relacionadas com o processo de revelação, como por exemplo: com que idade tomou consciência da sua orientação sexual?; a qual dos pais revelou primeiro?; que forma utilizou para o fazer?.

Como complemento qualitativo foram também construídas duas questões que possibilitam as respostas abertas, no sentido de perceber como foi vivenciado psicologicamente o processo de revelação pelos sujeitos e ainda a percepção dos mesmos quanto a uma modificação relacional com os pais após a revelação da orientação sexual.

Este instrumento foi construído segundo a orientação da Prof. Doutora Teresa Botelho.

3.2.2. – Questionário PPRS (Perceived Parental Reactions Scale)

O Perceived Parental Reactions Scale (Anexo B) foi desenvolvido por Lindahl, Malik e Willoughby (Lindahl, K. M.; Malik, N. M. & Willoughby, B., 2006), investigadores da Universidade de Miami para avaliar as percepções dos participantes face às reacções parentais após a revelação da sua orientação sexual.

O questionário possui 32 itens, em que a resposta é dada segundo uma escala tipo Lickert entre «discordo totalmente», «discordo», «neutro», «concordo» e «concordo totalmente», e que pretende avaliar oito categorias:

- 1) Atitudes negativas gerais em relação à homossexualidade;
- 2) Preocupação parental;
- 3) Situações de choque emocional;
- 4) Negação;
- 5) Raiva;
- 6) Negociação;
- 7) Depressão;
- 8) Aceitação por parte dos pais.

Contudo há que salientar, que apesar de serem referenciadas estas 8 categorias da escala, não existem dimensões definidas para as mesmas, ou seja, a pontuação total obtida por cada participante é que irá determinar a percepção das reacções parentais de um modo global.

O valor total obtido por cada participante indica a sua percepção relativamente às reacções parentais no processo da revelação da sua orientação homossexual.

Para calcular a pontuação final obtida no PPRS, procede-se ao somatório do valor atribuído a cada item, contudo nos itens 1, 5, 8 e 10 a pontuação é invertida, uma vez que os itens se referem a afirmações que reflectem reacções positivas.

Após o somatório dos 32 itens, a pontuação final reflecte que quanto mais elevado se apresentar o resultado, maior serão o número de percepções negativas das reacções parentais. A pontuação total pode variar entre 32 e 160.

De acordo com Lindahl, Malik e Willoughby (2006), a escala revela uma boa consistência interna, registada através de $\alpha = 0.97$ tanto para mães como para pais.

3.3 – Delineamento

3.3.1 – Tipo de Estudo

Este estudo define-se como uma investigação exploratória, observacional, analítica, correlacional – comparação de dois grupos entre si, ou seja, pretende-se avaliar se o género das figuras parentais (pai e mãe) apresenta diferenças ao nível das percepções dos filhos face à revelação da sua orientação sexual. Constitui-se ainda uma investigação transversal – colheita de dados num único momento – e retrospectiva – existe a recolha de informação no momento acerca de acontecimentos passados dos sujeitos.

3.3.2 – Definição das Variáveis

As variáveis principais que se apresentam neste estudo são as Reacções Parentais percebidas pelos filhos face à revelação da sua orientação homossexual e são operacionalizadas através do Questionário PPRS - Perceived Parental Reactions Scale de Lindahl, Malik e Willoughby (2006). Esta variável é operacionalizada através de uma escala de Lickert que varia entre 1 e 5.

Como variáveis secundárias são apresentadas as que foram definidas através da construção do Questionário de Caracterização da Amostra, tais como, orientação, sexual, idade, habilitações literárias, estado civil, área profissional, e também questões relacionadas com a idade em que tomou consciência da sua orientação sexual, qual o pai a que revelou primeiro a orientação sexual, etc.

Estas variáveis foram operacionalizadas em escalas de medida nominais, ordinais e quantitativas de razão.

A variável dependente é definida através das percepções dos filhos face às reacções dos pais quando ocorreu a revelação da orientação sexual dos filhos; e como variável independente apresenta-se o género dos pais, uma vez que este estudo pretende analisar se o género das figuras parentais influencia as reacções após o processo de revelação da sexualidade homo ou bissexualmente orientada.

3.4 – Procedimento

Na fase inicial do presente estudo, procedeu-se à investigação e análise da revisão de conteúdos literários relativos à temática da homossexualidade, com o objectivo de elaborar o enquadramento teórico organizado a partir dos conteúdos gerais para o tema em foco – as reacções parentais à revelação da homossexualidade dos filhos.

Posteriormente, foi solicitado via e-mail aos autores americanos, a autorização do uso da escala PPRS (Willoughby; Malik & Lindahl, 2006) bem como o envio da mesma e das suas instruções (Anexo B – escala original).

Com base nesta escala, procedeu-se à tradução para a língua portuguesa, seguindo um procedimento sensível no sentido de garantir a equivalência linguística e conceptual da escala original. Seguidamente foi solicitado a um juiz dominante das duas línguas, do conteúdo e da amostra de estudo, a elaboração da re-tradução da escala (Anexo C -escala traduzida).

Posteriormente foi realizado um pré-teste da versão original e da versão traduzida por sujeitos bilingues não familiarizados com o instrumento de modo a assegurar a equivalência entre as duas versões.

Na fase seguinte, foi elaborado o Questionário de Caracterização da Amostra.

Após a construção dos dois instrumentos a utilizar no estudo, o primeiro local onde se procedeu à recolha da amostra foi a Associação Rede Ex-Aequo, da qual obtive um grande apoio e disponibilidade de membros e participantes. Nesta associação foram recolhidos um total de 45 questionários.

Seguiu-se o Centro Comunitário Gay e Lésbico de Lisboa da Associação ILGA-Portugal, da qual também recebi grande apoio, contudo o número de participantes que aderiram ao estudo não chegou ao número que havia estipulado inicialmente, daqui surgiram 7 questionários.

Foram ainda contactadas as associações Panteras Rosa e Gltex, das quais recebi uma importante contribuição, pois apesar de colaborarem com poucos participantes (4) demonstraram grande disponibilidade e interesse na adesão a este estudo.

Os restantes questionários (14) foram obtidos através do método da bola de neve.

O período de recolha dos questionários revelou-se bastante longo e custoso, cerca de 4 meses, e atribuo a esta dificuldade duas razões: apesar das associações contactadas terem demonstrado interesse e empenho pelo estudo, a realidade confronta-as com períodos de tempo reduzidos que possam despende pois o seu

trabalho vive essencialmente de membros voluntários, e como tal os questionários não tiveram o encaminhamento imediato; para além desta dificuldade encontrada, alguns questionários não tiveram o retorno desejado, pois os participantes não preenchiam o requisito obrigatório de terem efectuado a revelação a pelos menos um dos pais, ou nalguns casos não foram devidamente preenchidos, o que os tornou inválidos para a amostra.

Na fase final, os dados foram submetidos ao tratamento estatístico através da criação de uma base de dados no SPSS 15.0.

O tratamento dos dados em SPSS levou à utilização dos seguintes testes estatísticos:

- Teste de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro Wilk para testar a normalidade da distribuição.
- Teste de Levene para testar a homogeneidade de variâncias.
- Teste T-Student para dois grupos independentes compara as médias de dois grupos de casos na mesma variável.

4. Resultados

4.1 – Análise Descritiva das Variáveis Secundárias

A análise que se segue permiti-nos realizar uma caracterização da amostra em estudo de acordo com determinadas variáveis retiradas do questionário de caracterização da amostra, que avaliam questões relacionadas com a orientação sexual dos participantes, e com aspectos que se relacionam com o processo de revelação aos pais.

Em função da leitura do quadro 7, podemos concluir que mais de metade dos participantes (54,3%) tomaram consciência da sua orientação sexual quando se encontravam na faixa etária compreendida entre os 11 e os 15 anos. Seguido de 32,9% dos participantes que tomaram consciência entre os 16 e os 20 anos de idade. É ainda de salientar que apenas 2,9% dos participantes tomaram consciência da sua orientação sexual com mais de 21 anos.

Quadro 7: Distribuição conforme a Idade que tomou consciência da orientação sexual (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
6-10	5	7,1
11-15	38	54,3
16-20	23	32,9
>=21	2	2,9
Não responde	2	2,9
TOTAL	70	100,0

Mediante a análise do quadro 8, os dados revelam que mais de metade dos participantes (52,9%) revelou a sua orientação sexual primeiramente à mãe, seguido de 45,7% dos participantes que revelaram a sua orientação a ambos os pais. Constatou-se ainda que apenas um dos sujeitos revelou a sua orientação primeiramente ao pai.

Quadro 8: Distribuição conforme a revelação da orientação sexual aos pais (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
Pai	1	1,4
Mãe	37	52,9
Ambos	32	45,7
TOTAL	70	100,0

Em função da análise do quadro 9, verificou-se que para os participantes que revelaram a orientação sexual a ambos os pais, 84,4% afirmou ter relevado primeiramente à mãe e apenas 15,6% dos participantes revelaram em primeiro lugar ao pai.

Quadro 9: Distribuição conforme a 1ª revelação aos pais quando revelou a ambos (N=32)

	Frequência (ni)	% (fi)
Pai	5	15,6
Mãe	27	84,4
TOTAL	32	100,0

De acordo com o quadro 10, existe uma predominância de participantes que revelaram a sua orientação sexual aos pais há cerca de 1 a 5 anos atrás, seguido de 18,6% dos participantes que o fizeram há já 6 a onze anos atrás. Os dados revelaram ainda que apenas um participante havia revelado há 12 a 17 anos atrás.

Quadro 10: Distribuição conforme o tempo que passou desde a revelação (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
1-5	52	74,3
6-11	13	18,6
12-17	1	1,4
>18	2	2,9
Não responde	2	2,9
TOTAL	70	100,0

Tendo em conta o quadro 11, constatou-se que 48,6% dos participantes encontravam-se na faixa etária dos 13 aos 18 anos quando revelaram a sua orientação sexual aos pais, seguido de 38,6% dos participantes que o fizeram no período entre os 19 e os 24 anos. Verificou-se ainda que apenas num participante revelou a sua orientação aos pais entre os 31 e os 36 anos, enquanto um outro participante apenas o fez com mais de 37 anos de idade.

Quadro 11: Distribuição conforme a Idade com que fez a revelação aos pais (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
13-18	34	48,6
19-24	27	38,6
25-30	7	10,0
31-36	1	1,4
>37	1	1,4
TOTAL	70	100,0

Da análise do quadro 12, verificamos que 25,7% dos participantes demoraram entre 1 a 6 anos a fazer a revelação aos seus pais, seguido de 14,3% dos participantes que demoraram a fazê-la num período de tempo que demorou de 7 a 12 anos. No entanto, salienta-se que uma percentagem bastante significativa dos participantes (58,6%) não respondeu à questão que foi colocada.

Quadro 12: Distribuição conforme o período de tempo que demorou a revelar a orientação sexual aos pais (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
1-6	18	25,7
7-12	10	14,3
>13	1	1,4
Não responde	41	58,6
TOTAL	70	100,0

Através da análise do quadro 13, foi possível verificar que uma percentagem quase absoluta dos participantes (90%) utilizou a conversa como forma de revelação da sua orientação sexual aos pais. Constatou-se ainda que 4,3% dos participantes optaram por escrever uma carta e 2,9% dos participantes escolheram apresentar o(a) namorado(a), contudo estes dados não se revelaram significativos tendo em conta a predominância acima descrita. Os dados revelaram ainda que apenas um sujeito realizou um jogo como forma de revelação, e no caso de um outro sujeito a mãe acabou por perceber.

Quadro 13: Distribuição conforme o meio utilizado para a revelação aos pais (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
Conversa	63	90,0
Carta	3	4,3
Apresentação Namorado(a)	2	2,9
Jogo	1	1,4
Mãe percebeu	1	1,4
TOTAL	70	100,0

Quanto à liderança investida durante o processo de revelação aos pais, os resultados demonstraram que 69% dos participantes afirmaram ter sido conduzida pelo próprio, enquanto 31% dos participantes responderam ter sido induzida pelos pais, no sentido em que os questionaram sobre a sua orientação sexual.

Quadro 14: Distribuição conforme a liderança no processo de revelação (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
Conduzida por si	48	69,0
Induzida pelos pais	22	31,0
TOTAL	70	100,0

Para além da revelação aos pais, procurou-se averiguar se os participantes tinham revelado a sua orientação sexual a outros familiares. Neste sentido, através da análise do quadro 15, verificou-se que 34,3% dos participantes revelaram a sua orientação sexual apenas aos irmãos, enquanto 27,1% dos participantes revelaram a vários familiares, irmãos, tios e avós. É ainda de salientar que apenas dois sujeitos revelaram a sua orientação unicamente aos avós.

No entanto, constatamos que há uma percentagem significativa de participantes (18,6%) que não responderam à questão.

Quadro 15: Distribuição conforme a revelação a outros familiares (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
Irmãos	24	34,3
Tios	5	7,1
Avós	2	2,9
Primo(a)	7	10,0
Irmãos, tios, avós	19	27,1
Não responde	13	18,6
TOTAL	70	100,0

Apesar dos participantes já terem revelado a sua orientação sexual aos pais e alguns familiares, procuramos saber, em primeira instância, qual foi a primeira pessoa a quem eles confiaram a sua orientação. De acordo com o quadro 16, podemos verificar que a maioria dos participantes (72,9%) revelou primeiramente a sua orientação sexual a um(a) amigo(a), seguido de 8,6% dos participantes que revelaram aos irmãos. Verificou-se ainda a frequência de apenas um sujeito em 5 situações distintas, das quais: ter revelado primeiramente à namorada; à madrinha; à mãe da namorada; a si próprio e ainda à pessoa por quem se apaixonou.

Quadro 16: Distribuição conforme a 1.^a pessoa a quem revelou a orientação sexual (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
A mim próprio (a)	1	1,4
Amigo(a)	51	72,9
Irmã(ão)	6	8,6
Madrinha	1	1,4
Mãe	3	4,3
Mãe da namorada	1	1,4
Namorada	1	1,4
Não se lembra	3	4,3
Por quem me apaixonei	1	1,4
Primo(a)	2	2,9
TOTAL	70	100,0

Perante o quadro 17, podemos constatar que existe uma predominância de participantes (58,6%) que responderam que a reacção que os pais tiveram após a revelação foi a esperada, seguido de 25,7% dos participantes que mencionaram terem recebido dos pais uma reacção melhor do que tinham esperado. Verificou-se ainda apenas a frequência de dois sujeitos que registaram uma reacção parental pior do que a esperada.

Quadro 17: Distribuição conforme a reacção dos pais após a revelação (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
Sim	41	58,6
Não	6	8,6
Melhor	18	25,7
Pior	2	2,9
Não responde	3	4,3
TOTAL	70	100,0

De acordo com o quadro 18, verificamos que ao serem questionados sobre a possibilidade da relação com os pais se ter modificado após a revelação, uma grande maioria dos participantes cerca de 49% respondeu afirmativamente, enquanto 31% dos sujeitos responderam que a mesma não se modificou. É ainda de considerar que uma percentagem significativa dos participantes (20%) não respondeu à questão.

Quadro 18: Distribuição conforme a mudança relacional com os pais após a revelação (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
Sim	34	49,0
Não	22	31,0
Não responde	14	20,0
TOTAL	70	100,0

Para além dessa análise, e de acordo com as respostas qualitativas, os participantes que responderam terem sentido que a relação com os pais se modificou após a revelação, afirmaram que a mesma tornou-se mais honesta, positiva, mais saudável, sem tabus, com maior abertura e proximidade entre pais e filhos, mais respeito e amor. Alguns referiram ainda que a relação se modificou em termos monetários e por outro lado, os pais deixaram de tentar arranjar namorado(a) para os(as) filhos(as).

No sentido de tentar perceber como foi vivenciado psicologicamente pelos sujeitos o processo de revelação da orientação sexual aos pais foi colocada uma questão de resposta aberta e através da análise do quadro 19, constata-se que 28,6% dos participantes refere ter sentido alívio após a revelação. (referenciar excertos das respostas) Constatou-se ainda que embora 27,1% dos sujeitos afirma ter vivido este processo com grande ansiedade, 17,1% refere o oposto, ter vivido psicologicamente a revelação sem ansiedade.

É ainda de considerar que uma percentagem significativa dos participantes (25,7%) não respondeu à questão colocada.

Quadro 19: Distribuição conforme a vivência psicológica durante a revelação aos pais (N=70)

	Frequência (ni)	% (fi)
Alívio	20	28,6
Dores de cabeça	1	1,4
Grande ansiedade	19	27,1
Sem ansiedade	12	17,1
Não respondeu	18	25,7
TOTAL	70	100,0

4.2 - Análise Descritiva das Variáveis Principais

No sentido de realizar uma análise geral dos resultados obtidos ao nível do perfil total dos participantes procedeu-se à análise descritiva dos valores obtidos na escala PPRS. Assim, primeiramente testou-se a normalidade de distribuição relativamente às percepções das reacções apresentadas pelos dois grupos de pais participantes no estudo (pais e mães), utilizando para as mães o teste de Kolmogorov-Smirnov ($n > 50$), e o de Shapiro-Wilk ($n < 50$), e após verificar que a variável apresentava distribuição normal (mães - $\alpha = 0,087 > 0,05$) e (pais - $\alpha = 0,088 > 0,05$) optamos pela utilização de testes paramétricos.

Perante a análise do quadro 20, é possível constatar que a média do Perfil Total das mães participantes é de 73,02, o desvio padrão é 21,185 e os valores mínimo e máximo encontrados variam entre 36 e 126.

Quadro 20: Perfil Total do PPRS do grupo de mães participantes

Perfil Total	
N	64
Média	73,02
Desvio Padrão	21,185
Mínimo	36,00
Máximo	126,00

De acordo com o quadro 21, verifica-se que a média do Perfil Total dos pais participantes é de 65,66, o desvio padrão é 15,642 e os valores mínimo e máximo encontrados variam entre 43 e 85.

Quadro 21: Perfil Total do PPRS do grupo de pais participantes

Perfil Total	
N	6
Média	65,67
Desvio Padrão	15,642
Mínimo	43,00
Máximo	85,00

De acordo com os dados acima apresentados e considerando os perfis totais dos dois grupos, conclui-se que os valores revelam a existência da percepção de reacções mais negativas por parte das mães, do que dos pais, apesar destes também exibirem reacções negativas, mas em menor escala.

No sentido de analisar a normalidade das variáveis, e sendo a amostra superior a 30 foi utilizado o teste de Levene.

O nível de significância empregue foi de $\alpha = 0,05$, isto é, uma possibilidade de 5% de rejeitar incorrectamente a hipótese quando generalizamos para o Universo os resultados obtidos na amostra. Assim, todos os valores de p superiores a 0,05 indicam a ausência de uma correlação estatisticamente significativa.

Através da utilização do Test T (teste usado para comparação entre médias de uma variável para dois grupos) e uma vez que $\alpha = 0,41 > 0,05$ verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas, ou seja, as respostas exibidas pelos dois grupos (mães e pais) e percebidas pelos filhos são idênticas.

Contudo, a percepção de reacções mais negativas são atribuídas às mães uma vez que a pontuação final é calculada através do somatório dos itens e quanto mais elevado se apresentar o resultado, maior serão o número de percepções negativas, o que acontece no grupo das mães ($M=73,02$).

Com efeito, é de grande importância salientar que este estudo reflecte uma amostra bastante heterogénea, uma vez que o grupo de mães participantes ultrapassa em grande escala o número de pais referenciados, o que poderá desencadear um desvio ao nível da comparação dos grupos.

5. Discussão

O objectivo do presente estudo foi analisar as percepções dos filhos face às reacções parentais após a revelação da sua orientação sexual. Neste sentido, pretendeu-se perceber qual a figura parental escolhida primeiramente pelos filhos para confiar a sua orientação sexual e ainda estudar de forma comparativa a existência de diferentes reacções exibidas por pais e mães.

Desta forma, a amostra incluiu um total de 70 participantes cuja sexualidade é homo ou bissexualmente orientada (38 gays, 19 lésbicas e 13 bissexuais) que escolheram participar no PPRS com 64 mães e 6 pais.

Os dados retirados da análise deste estudo revelam que a amostra apresentou elevados resultados para as reacções negativas exibidas para ambos os pais após a revelação da orientação sexual, contudo registaram-se níveis superiores para o grupo das mães.

Relativamente ao primeiro objectivo proposto, a amostra revelou que a figura parental escolhida primeiramente para a revelação da orientação sexual é a mãe, mesmo quando os sujeitos optam por revelar a ambos, a figura materna assume preferencialmente o primeiro lugar. Este resultado vai de encontro ao que foi sugerido e estudado por vários autores, como Savin-Williams & Ream (2003) que demonstraram que a mãe acaba por ser preferencialmente escolhida em relação ao pai no processo de revelação.

No que se refere à análise comparativa de pais e mães quanto à existência de diferentes reacções face à revelação dos filhos, verificou-se que a percepção de reacções negativas é atribuída em maior escala às mães do que aos pais. Estes resultados parecem divergir de alguns autores que indicam que os filhos escolhem preferencialmente a mãe para a revelação, uma vez que estas exibem respostas mais positivas de aceitação comparativamente aos pais (Savin-Williams & Ream, 2003).

Contudo outros estudos vieram demonstrar que apesar da figura parental masculina inicialmente reagir de acordo com um processo de negação à orientação sexual do(a) filho(a), acontece também que os pais respondem com menos sentimentos de raiva e culpabilidade do que as mães (Ben-Ari, 1995, cit. Savin-Williams, 2003). Neste sentido, os resultados encontrados no presente estudo poderiam afigurar-se enquadrados nesta perspectiva, uma vez que sentimentos de raiva e culpabilidade foram parte constituinte da escala e como tal as mães demonstraram um resultado superior de reacções negativas, contudo é difícil tornar específico os valores para estas duas dimensões, uma vez que apesar da escala

possuir 8 categorias de reacções parentais, os autores não definiram dimensões para cada uma delas e como tal os valores para sentimentos de raiva e culpabilidade tornam-se parte do resultado global sem uma conotação específica. Assim sendo, esta hipótese torna-se inconclusiva por falta de especificidade das respostas.

Uma possível explicação para os resultados encontrados neste estudo poderão encontrar-se relacionados com o facto de estarmos perante uma amostra bastante heterogénea, o que poderá ter influenciado os resultados criando um desvio ao nível da comparação dos grupos. Contudo, torna-se bastante relevante evidenciar que o número de mães e pais apresentados reflectem uma escolha dos filhos, uma vez que a escala avalia as percepções dos mesmos perante as reacções parentais, e cada pai participante é apresentado pelo filho como a figura parental a quem revelou primeiramente. Nesta continuidade, a disparidade encontrada afigura-se apoiante de que a escolha dos filhos é dirigida em primeiro lugar à mãe face à decisão de revelarem a sua homossexualidade.

Numa análise complementar, os resultados relativos ao período de tempo decorrido desde a revelação permitem-nos constatar que a grande maioria dos sujeitos o fez num período variável entre 1 a 5 anos anteriores a este estudo, o que poderá sugerir que o tempo decorrido até então poderá constituir-se insuficiente para a aceitação dos pais perante a sexualidade dos filhos. Tal como referenciado por vários autores, após a revelação da orientação sexual os pais desencadeiam um processo em que progressivamente terão que desconstruir os seus valores heterossexuais e adaptar a relação com os filhos de modo a incluir a sua orientação sexual (Ben-Ari, 1995; Boxer et al, 1991; Hom, 1994; Strommen, 1989; Tremble, Schneider & Appathurai, 1989, cit. Oswald, 2002).

Neste sentido, e assumindo que cada sistema familiar é detentor de características particulares, coloca-se a possibilidade de que as famílias que enfatizam valores mais tradicionais, terão à partida menor capacidade de aceitação da orientação homo ou bissexual (Chan, 1989; Newman & Muzzonigno, 1993, cit. Elizur & Ziv, 2001).

Considerando a idade como um factor preponderante no processo de revelação e na forma como é vivenciada a orientação sexual, os resultados demonstraram a existência de uma maioria de indivíduos adolescentes e jovens adultos. Deste modo, torna-se relevante salientar a vivência desta situação como um procedimento que envolve uma complexa gestão da dimensão psicológica, essencialmente perante estas faixas etárias.

De facto, enquanto adolescentes e jovens adultos o meio envolvente e a forma como é gerida a situação no contexto familiar apresenta efeitos a níveis

distintos, uma vez que ainda gozando da sua juventude as obrigações e responsabilidades que os pais reclamam contêm um carácter mais profundo.

Um outro aspecto que confere uma dimensão complementar a esta hipótese e que poderá ter surtido efeitos nos resultados, prende-se com o facto de uma maioria significativa dos sujeitos se encontrar em regime de co-habitação com os pais, o que comporta implicações na forma como o sistema familiar vivencia esta situação. Assim sendo, há que considerar que uma maior proximidade relacional, pode por um lado conferir maior nível partilha e cumplicidade, porém a vivência directa com os filhos poderá colocar as figuras parentais num registo comportamental mais reactivo, uma vez que todas as questões quotidianas geradas em torno da orientação sexual dos filhos, como as rotinas, comportamentos, relações amorosas, situações discriminatórias, serão vividas atentamente e poderão influenciar a capacidade de aceitação e adaptação.

Perante a leitura dos resultados, é ainda de salientar que para além dos dois objectivos inicialmente propostos, foi possível no desenrolar da investigação aceder a algumas questões que se veiculam a este tema. A amostra demonstrou significativamente que o meio preferencial utilizado pelos filhos no processo de revelação aos pais foi a conversa, tal como sugerido por Savin-Williams, (1990, cit. Savin-Williams & Ream, 2005).

Numa primeira instância vivencial do processo de revelação, constatou-se que a escolha preferencial é remetida para os amigos que são as primeiras pessoas a quem é confiada a orientação sexual. Estes resultados vão de encontro aos pressupostos de alguns estudos que referem que neste processo os amigos assumem um papel mais significativo e positivo para os sujeitos pelo suporte e aceitação, e deste modo são a fonte primordial para a revelação da sexualidade homo ou bissexualmente orientada (Elizur & Ziv, 2001).

De acordo com a questão que pretendia averiguar a possibilidade de uma mudança relacional na relação pais-filho e a exploração qualitativa da mesma, foi possível constatar que após a revelação o sentimento dominante conferiu à relação maior honestidade, positividade e partilha, tal como foi sugerido pelos autores Savin-Williams & Ream (2003).

Salienta-se também que o facto de estarmos perante uma amostra heterogénea, poderá ter surtido efeito no enviezamento dos resultados.

Contudo há que considerar que a escala original é detentora de uma boa consistência interna ($\alpha = 0,97$), pelo que se encontram igualmente bons resultados neste estudo, apresentando $\alpha = 0,927$ para a escala total e ainda ($\alpha = 0,927$ para as

mães) e ($\alpha = 0,884$ para os pais), o que comparativamente com o valor referenciado pelo autor evidencia a presença de uma escala robusta.

Por último, considerou-se relevante realçar o facto do questionário que permite caracterizar a amostra ser alvo de algumas fragilidades, como é o caso da questão “Quanto tempo demorou a revelar aos seus pais?”, que demonstrou ser uma pergunta com uma fundamentação confusa que se reflectiu num grande número de respostas nulas. E ainda o caso da questão “A reacção dos seus pais foi a esperada?” que deveria ter sido construída segundo uma lógica dicotómica, e acabou por gerar igualmente uma distorção nas respostas, devido a uma formulação que agrupa uma parte dicotómica com ordinal.

6. Conclusões

O tema apresentado neste estudo é ainda pouco explorado em Portugal, e seria de elevado interesse para esta área aprofundar a dimensão da amostra no sentido de obter resultados que pudessem espelhar esta questão de forma mais alargada à comunidade homossexual portuguesa.

Através dos resultados obtidos na presente investigação, constatou-se que os participantes escolheram primeiramente a figura materna para revelarem a sua orientação sexual, mesmo quando optaram por revelar a ambos os pais, a mãe assumiu preferencialmente o primeiro lugar.

Os resultados demonstraram ainda que de acordo com o género das figuras parentais, a percepção de reacções negativas face à revelação da orientação sexual foi atribuída em maior escala às mães do que aos pais.

De acordo com a análise dos resultados obtidos e da complexidade atribuída ao tema em questão é de elevada importância salientar que a existência de algumas variáveis poderão ter surtido influência sobre os resultados finais.

Em primeira instância, assume-se como factor enviezante o facto da amostra ter sido recolhida segundo as percepções dos filhos face às reacções parentais, uma vez que as respostas recolhidas acabam por ser registadas através de uma segunda via e não de uma visão directa das reacções verdadeiramente emitidas pelos pais. Contudo, constitui-se um obstáculo desde o início do estudo a recolha junto dos pais devido à falta de grupos direccionados para o contacto parental com a comunidade homo e bissexual e à partilha de vivências.

Evidenciou-se ainda importante salientar que a recolha da amostra constitui-se como um processo moroso e alvo de algumas dificuldades, uma vez que as associações contactadas desenvolvem o seu trabalho apoiado essencialmente no empenho de membros voluntários, e desta forma os questionários foram sujeitos a alguma demora não tendo um encaminhamento imediato. Para além disso, uma parte dos questionários não tiveram o retorno desejado, devido ao facto dos membros não possuírem a condição de revelação da sua orientação sexual aos pais, ou ainda pelo instrumento não se encontrar devidamente preenchido, o que impossibilitou de se tornarem parte constituinte da amostra.

Considerou-se ainda como limitação ao estudo, o facto da escala PPRS apenas assumir os valores totais para cada participante, o que impossibilita uma análise em termos de categorias que caracterizam as reacções parentais. Deste

modo, os resultados surgiram como reflectores das reacções negativas na generalidade, não permitindo a introdução de uma maior complexidade em termos de análise.

Este trabalho assume-se primeiramente como uma reflexão e análise perante um tema marcante da sociedade actual, a visibilidade progressivamente mais presente da homossexualidade que se reflecte nas mudanças ao nível da constituição e dos valores familiares. Neste sentido, esta investigação pretendeu aprofundar algum conhecimento na área da Homossexualidade e a sua relação alargada ao âmbito da Psicologia da Parentalidade, de modo a contribuir para a compreensão das reacções parentais perante em evento que redimensiona as relações e os comportamentos no seio de um sistema familiar.

No sentido de induzir uma sugestão para futuras investigações neste âmbito, considera-se relevante a análise do tema de acordo com uma visão que aborde o lado parental envolvido nas reacções, aprofundando a dinâmica familiar desenvolvida face à revelação da orientação sexual de um dos membros, mais precisamente os mecanismos gerados pelas figuras parentais e os recursos a que os pais recorrem quando confrontados com esta situação nova que põe em causa os valores heterossexuais recorrentes da sociedade. Seria de elevado interesse procurar as reacções numa linha directa com os pais, uma vez que as percepções dos filhos sobre este aspecto poderão surtir alguns desvios de informação, tratando-se de reacções peculiares imbuídas de fortes sentimentos.

Uma outra sugestão prende-se com o facto de se procurar estudar estas reacções de um modo longitudinal, por períodos distintos e afastados pelo tempo, de forma a investigar este processo e as suas alterações de acordo com vários momentos vivenciais, tanto dos pais como dos filhos.

De facto, no nosso país existe ainda uma escassa investigação que permita perceber a especificidade deste tema e sendo a homossexualidade assumidamente cada vez mais visível na sociedade contemporânea, torna-se evidente um aprofundamento do seu efeito reflector a vários níveis.

7. Referências

- Badinter, E. (1992). *XY – A identidade masculina*. Edições Asa.
- Cascais, A. F. et al. (2004). *Indisciplinar a teoria Estudos Gays, Lésbicos e Queer*. Fenda Edições.
- Cohler, B. J. (2002). *Making a Gay Identity: Coming out, Social context, and Psychodynamics*. In Annual of Psychoanalysis, 1. University of Chicago.
- Costa, M. E. (1991). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Psicologia da Universidade do Porto.
- Degges-White, S., Myers, J. E., & Rice, B. (2000). *Revisiting Cass' Theory of Sexual Identity Formation: A study of Lesbian Development*. In Journal of Mental Health Counseling, 22 (4), 318-333. University of North Carolina at Greensboro.
- Elizur, Y., & Ziv, M. (2001). *Family Support and Acceptance, Gay Male Identity Formation, and Psychological Adjustment: a path model*. In Family Process, 40 (2), 125-144. Hebrew University of Jerusalem.
- Erikson, E. (1956). *The problem of Ego Identity*. Journal American Psycho-Analytical Association, IV.
- Gadpaille, W. J. (2000). *Homosexuality, Stress and*. In Encyclopedia of Stress, 2, 400-406. University of Colorado Health Sciences Center.
- Green, R. (1974). *Sexual Identity conflict in children and adults*. New York: Basic Books.
- Green, R. (2000). *"Lesbians, Gay men and Their Parents": A critique of LaSala and the prevailing clinical "wisdom"*. In Family Process, 39 (2), 257-266. California School of Professional Psychology.

- Heatherington, L., & Lavner, J. A. (2008). *Coming to terms with coming out: Review and Recommendations for Family Systems-Focused Research*. In Journal of Family Psychology, 22 (3), 329-343. University of California.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1948). *Sexual Behavior in the Human Male*. Filadélfia: Saunders.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C. E., & Gebhard, P. H. (1953). *Sexual Behavior in the Human Female*. Filadélfia: Saunders.
- Montecinos, S., & Rebolledo, L. (1995). *Mujer y Género. Nuevos Saberes en las Universidades Chilenas*. Santiago do Chile: Bravo y Allende Editores.
- Oswald, R. F. (2002). *Who Am I in relation to them? Gay, Lesbian, and Queer People leave the city to attend rural family weddings*. In Journal of Family Issues, 23 (3), 323-348. University of Illinois at Urbana- Champaign.
- Pereira, H. M. (2001). *A Homofobia Internalizada e Os Comportamentos para a Saúde numa Amostra de Homens Homossexuais*. Tese de Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Pereira, H. M. (2005). *A identidade (Homo)sexual: A construção de um modelo empírico*. Tese de Dissertação de Doutoramento apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Ribeiro, J. (1999). *Investigação e Avaliação em Psicologia da Saúde*. Lisboa: Climepsi.
- Savin-Williams, R. C. (1994). *Dating those you can't love and loving those you can't date*. In Personal Relationships during Adolescence, 6, 196-215. Sage Publications.
- Stoller, R. (1993). *Masculinidade e Feminilidade: apresentações do género*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Williams, R. S., & Ream, G. L. (2003). *Sex Variations in the Disclosure to Parents of same-sex attractions*. In *Journal of Family Psychology*, 17 (3), 429-438. Cornell University.
- Willoughby, B., Malik, N. M., & Lindahl, K. M. (2006). *Parental reactions to their son's sexual orientation disclosures: the roles of family cohesion, adaptability, and parenting style*. In *Psychology of Men & Masculinity*, 7 (1), 14-26. University of Miami.
- Woodman, N. J., & Lenna, H. R. (1980). *Counselling with Gay men and Women: A Guide for facilitating positive lifestyles*. San Francisco: Jossey Bass.

ANEXO A

Questionário de Caracterização da Amostra

Questionário de Caracterização da Amostra

Instruções: Neste questionário são-lhe solicitados dados pessoais. As suas respostas são ANÓNIMAS e CONFIDENCIAIS. Responda com sinceridade e rigor, assinalando para cada questão a alternativa mais adequada com uma cruz (X) ou escrevendo a informação conveniente.

Obrigada pela sua participação.

DADOS PESSOAIS

• **Idade**

_____ anos

Gay ☐ Lésbica ☐ Bissexual ☐

• **Raça:**

Caucasiana ☐ Negra ☐ Asiática ☐

• **Religião:** _____

• **Naturalidade:** _____

• **Estado Civil:**

Casado/a ☐ Há quantos anos? _____

Solteiro/a ☐

União de Facto ☐ Há quantos anos? _____

Divorciado/a ☐ Há quantos anos? _____

• Habilitações Literárias:

Básico: 4º ano ☐ 9º ano ☐ 12º ano ☐

Superior: Bacharelato ☐ Licenciatura ☐

Mestrado ☐ Doutoramento ☐

• Profissão: _____

• Área de Residência: _____

• Habitação: Casa Própria ☐ Casa Arrendada ☐

Quarto ☐ Outra ☐ Qual? _____

• Co-habitação

Sozinho/a ☐ Com os pais ☐ Com o/a companheiro/a ☐

Com esposo/ esposa ☐ Outra ☐ Qual? _____

• Nº de Filhos: _____

• Idade e Sexo dos Filhos: Idade _____ Sexo _____

Idade _____ Sexo _____

Idade _____ Sexo _____

Idade _____ Sexo _____

Idade _____ Sexo _____

• **Sobre a sua Orientação Sexual:**

• Com que idade tomou consciência da sua orientação sexual? _____

• Já revelou a sua orientação sexual aos seus pais?

Pai ☐ Mãe ☐ Ambos ☐

No caso de ter revelado a Ambos, qual dos dois revelou primeiro?

• Há quanto tempo o fez? _____

• Que idade tinha? _____

• Quanto tempo demorou a revelar aos seus pais? _____

• Qual a forma que utilizou para revelar aos seus pais?

Conversa ☐ Carta ☐ Apresentação do/a namorado/a ☐

Outra ☐ Qual? _____

• A revelação da orientação sexual aos seus pais foi:

Conduzida por si? ☐ Induzida por uma pergunta dos seus pais? ☐

• Já revelou a outros familiares?

Irmãos ☐ Tios ☐ Avós ☐ Outros ☐ Qual? _____

• Quem foi a 1ª pessoa a quem revelou a sua orientação sexual?

• Com que idade o fez? _____

• A reacção dos seus pais foi a esperada? Sim ☐ Não ☐

Melhor ☐ Pior ☐

- Considera que a relação com os seus pais se modificou após a revelação? E de que forma?

- Em termos pessoais, como viveu psicologicamente o processo de revelação aos seus pais?

- Em contexto profissional já revelou a sua orientação sexual? Sim ☐ Não ☐

- Já se sentiu discriminado a nível profissional devido à sua orientação sexual?

Sim ☐ Não ☐

ANEXO B

PPRS – VERSÃO ORIGINAL

Lindahl, Malik & Willoughby, 2006

PPRS

INSTRUCTIONS: Which parent is participating with you in the current study?
(check one)

MOTHER or FATHER

Think only about this parent when filling out this questionnaire.

Think back **to the week** when this parent first became aware of your sexual orientation. Read the following statements and indicate how much you agree or disagree with each statement by circling a number. Remember, there are no correct or incorrect answers. These are your opinions.

Strongly				Strongly
Disagree	Disagree	Neutral	Agree	Agree
1	2	3	4	5

The week when I *told* my parent I was gay/lesbian/bisexual (or when he/she *found out* I was gay/lesbian/bisexual) he/she:

- | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1. supported me | 1 2 3 4 5 |
| 2. was worried about what her friends and other parents would think of him/her | 1 2 3 4 5 |
| 3. had the attitude that homosexual people should not work with children | 1 2 3 4 5 |
| 4. was concerned about what the family might think of him/her | 1 2 3 4 5 |
| 5. was proud of me | 1 2 3 4 5 |
| 6. believed that marriage between homosexual individuals was unacceptable | 1 2 3 4 5 |
| 7. was concerned about the potential that he/she wouldn't get grandchildren from me | 1 2 3 4 5 |
| 8. realized I was still 'me', even though I was gay/lesbian/bisexual | 1 2 3 4 5 |
| 9. believed that homosexuality was immoral | 1 2 3 4 5 |
| 10. thought it was great | 1 2 3 4 5 |
| 11. would have had a problem seeing two homosexual people together in public | 1 2 3 4 5 |
| 12. was concerned about having to answer other peoples' questions about my sexuality | 1 2 3 4 5 |

- | | | | | | |
|----------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|
| 13. kicked me out of the house | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. didn't believe me | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. yelled and/or screamed | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. prayed to God, asking him to turn me straight | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. blamed him/herself | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. called me derogatory names, like 'faggot' or 'queer' | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Strongly
Disagree
1

Disagree
2

Neutral
3

Agree
4

Strongly
Agree
5

- | | | | | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|
| 19. pretended that I wasn't gay/lesbian/bisexual | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. was angry at the fact I was gay/lesbian/bisexual | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. wanted me not to tell anyone else | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. cried tears of sadness | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 23. said I was no longer his/her child | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 24. told me it was just a phase | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 25. was mad at someone he/she thought had 'turned me gay/lesbian/bisexual' | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 26. wanted me to see a psychologist who could 'make me straight' | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 27. was afraid of being judged by relatives and friends | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 28. severed financial support | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 29. brought up evidence to show that I must not be gay/lesbian/bisexual,
such as "You had a girlfriend/boyfriend, you can't be gay/lesbian/bisexual" | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 30. was mad at me for doing this to him/her | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 31. wanted me not to be gay/lesbian/bisexual | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 32. was ashamed of my homosexuality | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

ANEXO C

PPRS – VERSÃO TRADUZIDA

PPRS

INSTRUÇÕES: Qual dos pais participa consigo no presente estudo? (assinale um)

MÃE ou PAI

Pense apenas sobre este pai ao preencher este questionário.

Recorde-se **da semana** em que este pai tomou conhecimento pela primeira vez da sua orientação sexual. Leia as seguintes afirmações e indique o quanto concorda ou discorda com cada uma delas assinalando um círculo no número correspondente. Lembre-se, não existem respostas certas ou erradas. Estas são as suas opiniões.

Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5

**Na semana em que eu *revelei* ao meu pai/ mãe que eu era gay/lésbica/bissexual
(ou quando ele/ela *descobriu* que eu era gay/lésbica/bissexual) ele/ela:**

- | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1. Apoiou-me | 1 2 3 4 5 |
| 2. Ficou preocupado/a com o que os seus amigos e outros pais iriam pensar dele/ dela | 1 2 3 4 5 |
| 3. Demonstrou a atitude de que as pessoas homossexuais não deveriam trabalhar com crianças | 1 2 3 4 5 |
| 4. Ficou preocupado/a com o que a família iria pensar dele/dela | 1 2 3 4 5 |
| 5. Ficou orgulhoso/a de mim | 1 2 3 4 5 |
| 6. Acreditou que o casamento entre indivíduos homossexuais era inaceitável | 1 2 3 4 5 |
| 7. Ficou preocupado/a pela possibilidade de não ter netos meus | 1 2 3 4 5 |
| 8. Apercebeu-se de que eu continuava a ser “eu”, apesar de ser gay/lésbica/bissexual | 1 2 3 4 5 |
| 9. Acreditou que a homossexualidade era algo imoral | 1 2 3 4 5 |
| 10. Pensou que era ótimo | 1 2 3 4 5 |

29. Mostrou-me evidências de que eu não poderia ser gay/lésbica/bissexual,
como por exemplo “Tu tinhas uma namorada/namorado, não podes ser
gay/lésbica/bissexual” 1 2 3 4 5
30. Ficou furioso/a comigo por lhe fazer isto a ele/ela 1 2 3 4 5
31. Desejou que eu não fosse gay/lésbica/bissexual 1 2 3 4 5
32. Ficou envergonhado/a com a minha homossexualidade 1 2 3 4 5

ANEXO D

OUTPUTS ESTATÍSTICOS

Análise Descritivas das Variáveis Principais

perceived parental reactions scale

mãe	N	Valid	64
		Missing	0
	Mean		73,0156
	Std. Deviation		21,18512
	Minimum		36,00
	Maximum		126,00
pai	N	Valid	6
		Missing	0
	Mean		65,6667
	Std. Deviation		15,64182
	Minimum		43,00
	Maximum		85,00

Tests of Normality

		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
perceived parental reactions scale	mãe	,103	64	,087	,967	64	,088
	pai	,251	6	,200 [*]	,930	6	,578

Pai que participa no estudo		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
perceived parental reactions scale	mãe	64	73,0156	21,18512	2,64814
	pai	6	65,6667	15,64182	6,38575

Cronbach's Alpha	N of Items
,927	32

Pai que participa no estudo	Cronbach's Alpha	N of Items
mãe	,929	32
pai	,884	32

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
									95% Confidence Interval of the Difference	
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Lower	Upper
perceived parental reactions scale	Equal variances assumed	,391	,534	,826	68	,411	7,34896	8,89258	-10,39590	25,09382
	Equal variances not assumed			1,063	6,852	,324	7,34896	6,91306	-9,06993	23,76784